

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
- PLAGEDER**

ISRAEL MALTA

**IMPACTOS DA MODERNIZAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE
AUTOCONSUMO, EM FAMÍLIAS RURAIS DA COMUNIDADE DE LOMBAS,
SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA – RIO GRANDE DO SUL.**

SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

2011

ISRAEL MALTA

**IMPACTOS DA MODERNIZAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE
AUTOCONSUMO NA COMUNIDADE DE LOMBAS, SANTO ANTÔNIO DA
PATRULHA, RIO GRANDE DO SUL.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Gabriela Coelho-de- Souza

Coorientador: Msc. Josiane Carine Wedig

SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

2011

ISRAEL MALTA

**IMPACTOS DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR DE
AUTOCONSUMO NA COMUNIDADE DE LOMBAS, SANTO ANTÔNIO DA
PATRULHA, RIO GRANDE DO SUL.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Santo Antônio da Patrulha, 28 de junho de 2011.

Profª. Dra. Gabriela Coelho-de-Souza - Orientador
UFRGS

Prof. Dro. Írio Luis Conti
UFRGS

Prof. Dra. Tatiana Engel
UFRGS

Dedico o presente trabalho a minha família,
que tanto me apoiou ao longo de sua
construção, esposa, pai, mãe e amigos.

AGRADECIMENTOS

O agradecimento é o ato de reconhecer as oportunidades que nos são dadas ao longo da caminhada, portanto, não posso iniciar sem agradecer a Deus, Pai Eterno e Criador, que sem sua força nenhum passo da caminhada seria possível.

Na sequência gostaria de agradecer à UFRGS pela oportunidade de poder completar um curso de nível superior, que somente por minhas condições não poderia ter sido realizado.

Ao Pólo Universitário de Santo Antônio da Patrulha, que como uma família nos acolheu desde o início da jornada.

A professora Gabriela que de forma incansável lutou junto na elaboração e orientação deste trabalho.

A Josiane que cumpriu seu papel de forma honrável, meu muito obrigado.

A família, minha mãe principalmente que a cada semana passa por uma luta no seu tratamento contra um câncer, e se Deu quiser vai realizar seu sonho de ver seu filho formado. E a meu pai que vem segurando as pontas, trabalhando sozinho na propriedade rural, porque seu filho precisa estudar.

A minha esposa, um anjo em minha vida, somente com sua ajuda posso dizer que estou encerrando esta etapa.

Agradeço aos colegas do trabalho, do curso PLAGEDER I e a todos que em algum momento me auxiliaram, de uma forma ou outra, na construção desta pesquisa, meu muito obrigado a todos.

Às instituições como EMATER, Sindicato dos Trabalhadores Rural, Associação de Moradores de Tapumes e Lombas, que me apoiaram na escolha das famílias.

As famílias entrevistadas o meu mais sincero obrigado, pois, sem o apoio destas pessoas a pesquisa não avançaria, sem os seus relatos, suas vivências e seus conhecimentos serviram juntamente com o material teórico, de norte para a construção do trabalho apresentado.

RESUMO

A agricultura de autoconsumo vem garantindo a alimentação e renda das famílias do campo, em várias partes do mundo. Baseada em uma agricultura de subsistência, porém, com o diferencial de fornecer excedentes que possibilitam trocas ou comercialização, destas ditas sobras para então, poder suprir de forma mais completa as necessidades das famílias envolvidas na produção. Neste contexto, o objetivo geral foi analisar a influência da modernização da agricultura sobre o autoconsumo na comunidade de Lombas, Santo Antônio da Patrulha. Para alcançar este objetivo, foram delineados os objetivos específicos: a) caracterizar o autoconsumo na comunidade das Lombas; b) caracterizar as restrições da modernização da agricultura sobre o autoconsumo. Neste estudo foram estudadas as famílias de agricultores da comunidade de Lombas pertencente ao sexto distrito do município de Santo Antônio da Patrulha, conhecendo suas áreas de cultivo, seus hábitos e suas técnicas de plantio para entender e caracterizar sua agricultura de autoconsumo. Os métodos de pesquisa utilizados se basearam em uma análise qualitativa, a partir de entrevistas semi-estruturadas junto às famílias dos agricultores, juntamente com informações complementares anotadas e a utilização de recursos tecnológicos como a captura de imagens. As análises dos resultados confirmaram a existência da agricultura de autoconsumo, sendo de extrema relevância para as famílias locais contempladas neste estudo. Esta análise permitiu verificar que a forma de produção agrícola utilizada sofreu alterações com a modernização da agricultura, além de constatar que a agricultura familiar é a que desenvolve na região a agricultura de autoconsumo.

Palavras chave: Agricultores, agricultura de autoconsumo, modernização da agricultura, agricultura familiar.

RESUMEN

La agricultura tiene una renta garantizada de alimentos auto y la familia del campo en varias partes del mundo. Sobre la base de la agricultura de subsistencia, pero con la diferencia de que permiten la oferta superávit comercial y de marketing, dijo que estos restos para luego ser capaz de satisfacer más plenamente las necesidades de las familias involucradas en la producción. En este contexto, el objetivo fue estudiar la influencia de la modernización de la agricultura en el auto en la comunidad de Lomas, San Antonio de Patrulla. Para lograr este objetivo se han formulado objetivos específicos: a) describir el auto en la comunidad de Lomas b) caracterizar las restricciones de la tecnología agrícola moderna de consumo en el hogar. Este estudio investigó las familias campesinas en la comunidad de Lomas perteneciente al sexto distrito de Santo Antônio Patrulla, conocer sus áreas de cultivo, sus hábitos y sus técnicas de plantación de entender y caracterizar el consumo de alimentos. Los métodos de investigación utilizados se basaron en un análisis cualitativo, a partir de entrevistas semi-estructuradas con las familias de los agricultores, junto con información adicional y tomó nota de la utilización de los recursos tecnológicos, como la captura de imágenes. El análisis de los resultados confirmaron la existencia de la producción agrícola propia, y tiene gran relevancia para las familias locales considerados en este estudio. Este análisis mostró que la forma de uso agrícola ha cambiado con la modernización de la agricultura, además de establecer que la familia es la que se desarrolla en el consumo de la agricultura de la región.

Palabras claves: Los agricultores, la agricultura para consumo propio, la modernización de la agricultura, la agricultura familiar.

CONVENÇÕES

Os trechos em *itálico* no texto representam falas, palavras e expressões dos informantes da pesquisa, ou algum termo em idioma estrangeiro. As aspas foram utilizadas para apresentar conceitos trazidos de bibliografias consultadas, ou ainda destacar termos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 TRAJETÓRIA PESSOAL.....	10
1.2 CONTEXTUALIZANDO O TEMA ABORDADO.....	11
2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS E SOCIAIS DE LOMBAS.....	18
2.1 DESCRIÇÃO DO DISTRITO DE LOMBAS.....	18
2.2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO DE LOMBAS.....	20
3. METODOLOGIA.....	21
3.1 LEVANTAMENTO DE DADOS.....	22
3.1.1 Levantamento de dados junto às famílias de agricultores familiares	24
3.1.2 Levantamento de dados junto a instituições públicas.....	25
3.2 CHEGADA AO CAMPO.....	25
3.3 TRATAMENTO DE DADOS.....	27
4. RESULTADOS E ANÁLISES	28
4.1 DESCRIÇÃO DAS FAMÍLIAS.....	28
4.2 DINÂMICAS LOCAIS DOS AGRICULTORES FAMILIARES.....	31
4.3 AGRICULTURA FAMILIAR DE AUTOCONSUMO: HISTÓRICO E DESCRIÇÃO	35
4.4 AJUDA MÚTUA E RECIPROCIDADE.....	43
4.5 MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E A COMUNIDADE DE LOMBAS.....	46
4.5.1 A produção de queijo na comunidade de Lombas	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão descritas inicialmente, as experiências particulares do autor através da sua trajetória pessoal e em seguida serão abordados os conceitos que envolveram a construção desta pesquisa onde se poderá observar as contextualizações dos temas escolhidos para elaboração do presente estudo.

1.1 TRAJETÓRIA PESSOAL

A pesquisa sobre autoconsumo entre agricultores familiares de Lombas foi realizada como trabalho de conclusão no curso de graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A escolha deste tema faz parte da minha trajetória de vida, onde, desde muito jovem me dedico à agricultura, pois, minha família é proprietária de uma área de 62 hectares, no interior do município de Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul. Desde muito pequeno me acostumei e tomei gosto pela agricultura, realizando tratos dos cultivos nas roças com meu pai e minha mãe, os dois sempre juntos me ensinaram a importância da terra e dos frutos que ela produz. Os meus avós também foram agricultores. Meu pai tem origem açoriana das famílias Andrade e Ferreira oriundas do interior do município de Santo Antônio da Patrulha de uma localidade conhecida como Evaristo pertencente ao 5º distrito, e minha mãe descende de brancos e negros de sobrenome Santos, por isto a agricultura familiar de autoconsumo sempre esteve presente em nossa família.

Porém, com o passar dos anos meus pais me incentivaram a seguir os estudos, foi então, que ao final do ensino fundamental iniciando no ensino médio, ingressei na Escola Técnica de Agricultura de Viamão, onde estudei durante três anos. Após o término dos estudos e com a conclusão do curso de técnico agrícola a nível médio realizei estágios curriculares na área de reflorestamento na região carbonífera, nos municípios de Arroio dos Ratos, Minas do Leão, Mariana Pimentel e Eldorado do Sul, posteriormente atuei na Prefeitura Municipal de Porto Alegre como extensionista na implantação de hortas comunitárias em comunidades carentes. E foi lá que voltei a perceber a importância da agricultura em pequena escala na vida das famílias com as quais trabalhei.

Realizei com êxito um concurso na Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha, onde trabalho na área de paisagismo e jardinagem, residindo na área urbana do município, e aos poucos fui percebendo que ia perdendo minhas noções sobre a agricultura, percebi que antes conhecia saberes e práticas que existem ou existiam na localidade onde nasci, mas que com o passar dos anos estes conhecimentos começam a se perder com a chegada de novas informações. Por isto, resolvi elaborar um estudo sobre a importância da agricultura familiar de autoconsumo para famílias de agricultores na referida comunidade.

O curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural com suas disciplinas e textos me auxiliaram na compreensão da agricultura de autoconsumo, tendo o curso oferecido embasamento teórico para a realização da pesquisa.

Como já referido acima, o tema escolhido para este estudo foi à produção familiar para o autoconsumo, e a importância da mesma para famílias rurais da comunidade de Lombas, observando ainda a sua relação com a modernização da agricultura e pluriatividade existente nas propriedades rurais estudadas. A escolha deste tema se deu devido à importância que tem os alimentos produzidos nas propriedades, seja para o consumo das famílias, para alimentação dos animais, para troca por outros alimentos que não são produzidos em alguma das propriedades, seja para a comercialização para um possível aumento na renda da família. Por isto este tema me fez voltar às origens e retornar ao campo em busca da compreensão das dinâmicas que envolvem a produção familiar para o autoconsumo das famílias de agricultores.

1.2 CONTEXTUALIZANDO O TEMA ABORDADO

Os temas abordados, como já citado anteriormente, são a agricultura familiar de autoconsumo, a modernização da agricultura e ainda trazendo a luz o tema da pluriatividade. No que se refere agricultura familiar de auto consumo, àquela que é proveniente da produção familiar de produtos agrícolas, e que compõem a base alimentar das famílias rurais. Este tipo de agricultura segundo Schneider e Grisa (2008), permite que os agricultores que a praticam possam além, de se alimentar com qualidade, ter a possibilidade ainda de alimentar seus animais, de trocar alimentos com os vizinhos e também, quando ocorrem “sobras” na produção, realizar uma eventual comercialização destes produtos, auxiliando a renda das famílias, dando condições para que as mesmas se mantenham na atividade.

Para melhor apresentar o tema foram consultados autores como KURY (1982); PALMEIRA (1989); VIEIRA (1995); WANDERLEY (1996); GAZOLLA (2004); MALUF,

MENEZES (2004); KRONE (2007); RAMOS (2007); GRISA (2007); SCHNEIDER, GRISA (2008); MARQUES, ZANETTI, MENASCHE (2008); LUTZENBERGER (2008); WEDIG (2009); GAZOLA, GRISA, PACÍFICO (2009); MIGUEL (2009); CONTERATO E FILLIPI (2009); DAL SOGLIO (2009); WEID (2009); SCHNEIDER (2010), que realizaram estudos sobre a agricultura de autoconsumo em diferentes regiões do Rio Grande do Sul, buscando compreender e analisar as dinâmicas rurais que nela estão envolvidas. Pretende-se, aqui, debater as visões destes diferentes autores sobre a agricultura familiar para o autoconsumo a modernização da agricultura e a pluriatividade.

É necessário ressaltar a importância que possui a produção para o autoconsumo das famílias rurais, demonstrando que esta prática agrícola possui várias finalidades entre os agricultores familiares, que vai além de ser somente uma fonte de alimentação para as famílias, mas apresenta-se também como forma de sociabilidade, propiciando trocas de alimentos, permitindo a transmissão do saber de uma geração a outra. Segundo Gazolla, (2004, p.63), “é, também através do autoconsumo que o agricultor se identifica com a *profissão* de agricultor”.

O presente estudo foi realizado com famílias rurais que são proprietárias de suas terras e ao mesmo tempo trabalham nela, constituindo-se como agricultores familiares na conceituação de Wanderley (1996).

[...] agricultura familiar, entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. (WANDERLEY, 1996, p. 2)

Na agricultura familiar, diferentemente da agricultura patronal, não existe um único indivíduo que coordena a produção da propriedade, e sim toda a família realiza o trabalho na produção, nos afazeres domésticos e toma as decisões necessárias, este modelo de agricultura também demonstra suas diferenças por possuir uma faixa de produção bem menor do que o outro modelo de agricultura apresenta. Já a agricultura patronal acaba dividindo a gestão do trabalho, priorizando faixas de produção enormes, abaixo o quadro sintetiza de forma sucinta os dois modelos de agricultura.

Quadro 1: Comparativo entre os modelos familiar e patronal de agricultura.

Modelo de agricultura familiar	Modelo de agricultura patronal
Trabalho e gestão intimamente relacionados	Completa separação entre gestão e trabalho
Direção do processo produtivo assegurada diretamente pelos proprietários	Organização centralizada
Ênfase na diversificação	Ênfase na especialização
Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida	Ênfase em práticas agrícolas padronizadas
Trabalho assalariado complementar	Trabalho assalariado predominante
Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo	Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões “de terreno” e “de momento”

Fonte: Projeto INCRA/FAO (2000 *apud* Conterato e Fillipi, 2009 p. 16).

Na agricultura familiar a produção para o autoconsumo tem papel fundamental. De acordo com Garcia Filho (1999, *apud* GAZOLLA, GRISA e SCHNEIDER, 2010), a agricultura familiar praticada para o autoconsumo, refere-se à produção destinada à alimentação da família, de seus animais e a produção da lenha, além da construção de benfeitorias e manutenções das mesmas. Esta produção agrícola destinada ao autoconsumo poderá ser comercializada, ou então, ser realizada a troca, sem que haja a descaracterização desta modalidade de agricultura.

A produção familiar para o autoconsumo é capaz de aproximar o agricultor à natureza, conforme podemos aprender na observação de Grisa (2007, p. 53) que afirma que “o autoconsumo serve para interligar o homem com a natureza, por meio da utilização dos saberes locais e de práticas de sustentabilidade”. Deste modo, o autoconsumo acaba assumindo um papel importante, pois, este gera o autoabastecimento alimentar das famílias, servem para a alimentação dos animais, os resíduos são aproveitados como material orgânico para a produção agrícola. Além disso, a agricultura familiar de autoconsumo estimula a reciprocidade e a sociabilidade, aproximando os agricultores familiares, através de trocas de alimentos, reforçando laços entre vizinhos, compadres e parentes (GAZOLLA, 2004).

As relações de trocas de produção agrícola acabam por estreitar as relações entre os membros da comunidade. Sobre este aspecto Krone (2009), em seu estudo, descreve as relações de reciprocidade, entre pecuaristas familiares produtores de queijo nos campos de cima da serra gaúcha:

Os alimentos doados, recebidos e retribuídos circulam neste grupo social, criando uma dinâmica de dádiva e de redistribuição, criadora de sociabilidade e vínculo social. (SABOURIN, 2003 *apud* KRONE, 2009, p. 69).

É possível perceber que além de fatores sociais que favorecem a agricultura familiar de autoconsumo, existem os fatores econômicos, estes ocorrem com a venda do excedente que acaba gerando renda para a família produtora, desta forma, tornando a produção de autoconsumo favorável ao produtor (GRISA, GAZOLLA e SCHNEIDER, 2010). Os autores citados destacam que a produção familiar para o autoconsumo tem diminuído visivelmente nos últimos anos, isto vem ocorrendo devido aos universos sociais¹, cujas mudanças de base técnica foram mais elevadas e podem apresentar menor produção para o autoconsumo. Mas, este não é o único motivo, núcleos sociais onde a economia e as atividades agrícolas são mais diversificadas tendem a ter o autoabastecimento alimentar mais elevado.

A agricultura familiar de autoconsumo acaba gerando uma autonomia produtiva muito relevante aos agricultores, devido a estes, dependerem muito menos do mercado, isto ocorre em decorrência da produção de autoconsumo seguir direto das lavouras para as residências e desta para as mesas dos agricultores, assegurando assim, a alimentação destas famílias. Essa produção diferencia-se das lavouras comerciais, onde agricultores familiares teriam que vender suas produções em mercados, para que com a remuneração obtida, possam adquirir toda a alimentação do grupo familiar e ainda conservarem os instrumentos de trabalho e injetarem capital em suas lavouras (GAZOLLA, 2004).

Ainda no que concerne a autonomia propiciada pela produção familiar para o autoconsumo, Grisa (2007), demonstra que a produção de autoconsumo pode promover uma grande autonomia às famílias, garantindo as estas, uma alimentação em quantidade necessária e com qualidade.

A produção para o autoconsumo desempenha um papel importante como “produtora” de autonomia para a agricultura familiar. Em primeiro lugar, por garantir a unidade familiar o controle sobre uma das necessidades vitais (alimentação), assegurando deste modo, a segurança alimentar que, quiçá não pudesse ser atendida caso a reprodução estivesse à mercê de valores de troca mobilizados nos mercados (GRISA, 2007, p. 48).

Esta autonomia gerada pela produção familiar de autoconsumo é considerada produtiva e reprodutiva² segundo Gazolla (2004), já que a família acaba por depender muito menos do mercado. O fato da agricultura familiar para o autoconsumo trazer grande benefícios para as famílias que a praticam, a relaciona ao debate da segurança alimentar e nutricional, pois as práticas deste autoconsumo pelas famílias, geram uma alimentação com qualidade e quantidade

¹ Universos sociais referem-se os núcleos existentes em nossa sociedade, de certa forma, trata-se das classes sociais que compõem nosso meio.

² A produção neste contexto se refere às condições materiais de produção, e a reprodução é a capacidade do agricultor de se reproduzir socialmente, ou seja, possibilita a evolução do homem do campo dentro da sociedade, através da produção agrícola familiar. (GAZOLLA, 2004)

suficiente para os agricultores. Segundo a recente Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN):

[...] a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos básicos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social econômica e ambientalmente sustentáveis. (BRASIL, Lei n. 11346, 2006)

Segundo Ramos (2007), esta definição de Segurança Alimentar e Nutricional reconheceu a relevância da cultura, ressaltando a contribuição dos saberes e práticas dos agricultores familiares, na conformação das necessidades de alimentação da população e é capaz de suprir de modo permanente a necessidade alimentar humana. Maluf e Menezes (2004) ressaltam que é equivocado o entendimento da segurança alimentar subordinada somente à produção de alimentos, tendo sua política definida no limite restrito do planejamento agrícola, devendo-se entender a Segurança Alimentar e Nutricional, como um dos elementos articuladores da macro política, com intensa articulação nos diferentes campos de intervenção do Estado: o agrícola, a saúde, a educação, o trabalho, a tecnologia, o ambiental e no atual contexto de globalização, as relações internacionais, entre outros.

Percebe-se claramente que a agricultura vem se modernizando dia após dia, deixando para segundo plano as práticas de autoconsumo. Sobre este aspecto Gazolla (2004 *apud* RAMOS 2007) aponta que “estas mudanças operadas pela modernização parecem relacionadas com as transformações nas relações simbólicas entre os agricultores e seu mundo, e que derivam do processo de modernização da agricultura e mundo rural local”. (RAMOS, 2007, p. 75)

Com a modernização da agricultura verifica-se a diminuição da produção familiar de autoconsumo, o que é explicitado principalmente a partir do aumento das monoculturas altamente mecanizadas, que utilizam máquinas em quase todo o seu processo produtivo, sendo assim visível à interferência da modernização da agricultura em processos produtivos praticados pelas famílias de agricultores familiares.

As consequências mais notáveis deste processo podem ser percebidas através da diferenciação dos sistemas produtivos praticados que tendem cada vez mais para o lado das monoculturas, e do próprio tecido social, que faz aparecer uma visível segmentação entre agricultores mais e menos inseridos nesta dinâmica territorial. (GAZOLLA, 2004 p. 41)

Diferentes estudos têm apontado que para o agricultor familiar é fundamental a diversificação da produção demonstrando a importância da pluriatividade, a partir da qual é

possível gerar renda e garantir ainda o autoabastecimento familiar, pois, enquanto um produtor sofre com as oscilações de preço de sua única produção cultivada, o agricultor que possui vários cultivares consegue absorver as vantagens da comercialização de um determinado cultivo, enquanto os demais irão servir para a alimentação familiar. Ellis (2000 *apud* GAZOLLA, GRISA e SCHNEIDER, 2010, p. 76), expõe que “a produção para o autoconsumo faz frente às demandas alimentares da família; e com outra renda, a produção de soja, por exemplo, é possível investir na propriedade e acumular, comprar mais terras,”.

Gazolla, Grisa e Schneider (2010) afirmam que a produção familiar de autoconsumo está diretamente ligada às condições técnicas de produção da família, ao capital disponível, ao acesso ao crédito e a assistência técnica, e observaram que “unidades familiares com menores porções de terra e menos capitalizadas produzem menos para autoconsumo” (GAZOLLA, GRISA, SCHNEIDER, 2010, p. 70). Segundo estes autores, com estoque cada vez mais reduzidos de terras, as dificuldades financeiras das famílias agricultoras fazem com que, estas intensifiquem a força de trabalho em atividades agrícolas que gerem mais “lucro” (cultivos comerciais), buscando assim, obter recursos para atender todas as necessidades da família, inclusive, a alimentar:

Destaca-se aqui, sobretudo, o processo de modernização da agricultura que estimulou as unidades familiares a produzirem *commodities*³, e não mais sua alimentação. (GAZOLLA, GRISA, SCHNEIDER, 2010 P. 71).

O progresso tecnológico é a principal fonte de transformações técnico-produtiva e da introdução do capitalismo no meio rural, e é através deste progresso tecnológico que o modo de produção capitalista “invade” a agricultura, modificando o processo produtivo e desqualificando o trabalho do agricultor familiar (KAUTSKY, 1986 *apud* GAZOLLA, 2004).

A partir dos autores acima citados, percebe-se que as famílias agricultoras no Rio Grande do Sul, mas também em contexto internacional passaram a utilizar equipamentos e insumos oriundos da modernização da agricultura, processo que ocorreu de maneira gradativa e lenta. Diversos autores demonstram em seus estudos, que a agricultura brasileira com o passar dos anos se modernizou, fazendo o uso de máquinas agrícolas, sementes geneticamente modificadas e uma grande variedade de insumos:

Na década de 1960, as modificações de base técnica e tecnológica alteram o processo de produção e comercialização. Com a implantação do setor industrial, voltado à produção de equipamentos e insumos para agricultura, foi marcada uma nova fase da

³ *Commodities* são produtos agrícolas como a soja, o arroz e o milho muito valorizado nos mercados internacionais.

economia brasileira, passando-se do chamado modelo de substituição de importações para a modernização do setor agrário e o nascimento dos complexos agroindustriais. (TEIXEIRA, 2005 *apud* PACÍFICO, 2009, p. 38).

A modernização da agricultura ocorreu tanto no setor agrícola, quanto no setor agropecuário, como atestado por Miguel (2009):

...Verificou-se uma melhoria nos sistemas de criação de gado de corte extensivos, com uma crescente utilização de insumos agrícolas de origem externa (adubos, vacinas, complementos minerais, etc.) e a disponibilização de novas tecnologias (inseminação, manejo de pastagens, suplementação mineral, etc.). Por fim, assistiu-se à expansão e modernização da rizicultura irrigada, a introdução de novas lavouras (especialmente o cultivo da soja) e atividades agrícolas (especialmente o reflorestamento em grandes áreas com espécies florestais exóticas). (MIGUEL, 2009 p. 142)

A inserção desta modernização se concretizou devido as modificação nos processos produtivos em função do discurso de que era necessário obter ganhos em produtividade e avanço intensivo sobre novas áreas de terras. Conterato e Filippi (2009, p. 39) admitem que, esta justificativa é falha, pois, “como se a escassez de alimentos, a desnutrição e mesmo as situações de pobreza rural em muitas regiões do Brasil tivessem como causa a falta de alimentos, e não sua má distribuição”. Concordando com autores, a discussão atualmente é quanto aos problemas ambientais, a principal questão é qual a relação entre a modernização da agricultura e a degradação ambiental? É evidente que a agricultura moderna não é a principal causadora dos problemas ambientais enfrentados atualmente, mas, com certeza o atual modelo de agricultura praticado tem grande contribuição. As práticas de autoconsumo sendo substituídas pelo monocultivos e práticas de pecuária extensiva acabaram trazendo graves conseqüências ambientais. Segundo Dal Soglio (2009, p. 20) a agricultura moderna é dependente de insumos químicos, contribuindo na “emissão de gases responsáveis pelo efeito estufa e, portanto, pelas mudanças climáticas”.

Os problemas ambientais relacionados ao modelo atual de agricultura, são sintetizados no quadro 2, problemas estes que estão diretamente ligados à produção agrícola extensiva, e a grande maioria destes impactos acabam tendo um impacto global.

Quadro 2: Principais problemas ambientais, escala de abrangência e relações principais com a agricultura e a sustentabilidade.

Problema ambiental	Abrangência do impacto	Relação com a agricultura
Mudanças climáticas	Global	Mudanças de áreas de produção, efeito da liberação de gases e uso de petróleo
Destruição de recursos naturais	Global	Contaminação de água (subterrânea e mananciais) erosão dos solos, uso de agrotóxicos, perda da biodiversidade, desflorestamento e falta de corredores ecológicos
Extinção de espécies	Global/Regional	Introdução de espécies exóticas, destruição de <i>habitats</i> , desflorestamento, uso de agrotóxicos
Perda da biodiversidade	Global/Regional	Introdução de espécies, uso de agrotóxicos, dependência de variedades comerciais, perda de raças de animais, monoculturas, desflorestamento e falta de corredores biológicos
Erosão, acidificação e salinização dos solos	Local	Preparo excessivo dos solos, falta de cobertura, irrigação mal feita, manejo químico dos solos
Eutrofização das águas	Regional/Local	Erosão do solo, falta de matas ciliares, uso de agrotóxicos, descartes de resíduos nos rios
Desertificação	Regional/Local	Manejo errado do solo, desflorestamento, uso de áreas sensíveis, monoculturas, erosão do solo
Poluição	Regional/Local	Descarte de resíduos, embalagens, uso de agrotóxicos
Destruição da camada de ozônio	Global	Liberação de gases, especialmente pelo uso de brometo de metila, efeitos sobre a biodiversidade

Fonte: Dal Soglio (2009 p. 19)

Neste contexto, este estudo se propôs a responder à seguinte questão: quais os impactos da modernização do meio agrícola e na agricultura familiar e de autoconsumo?

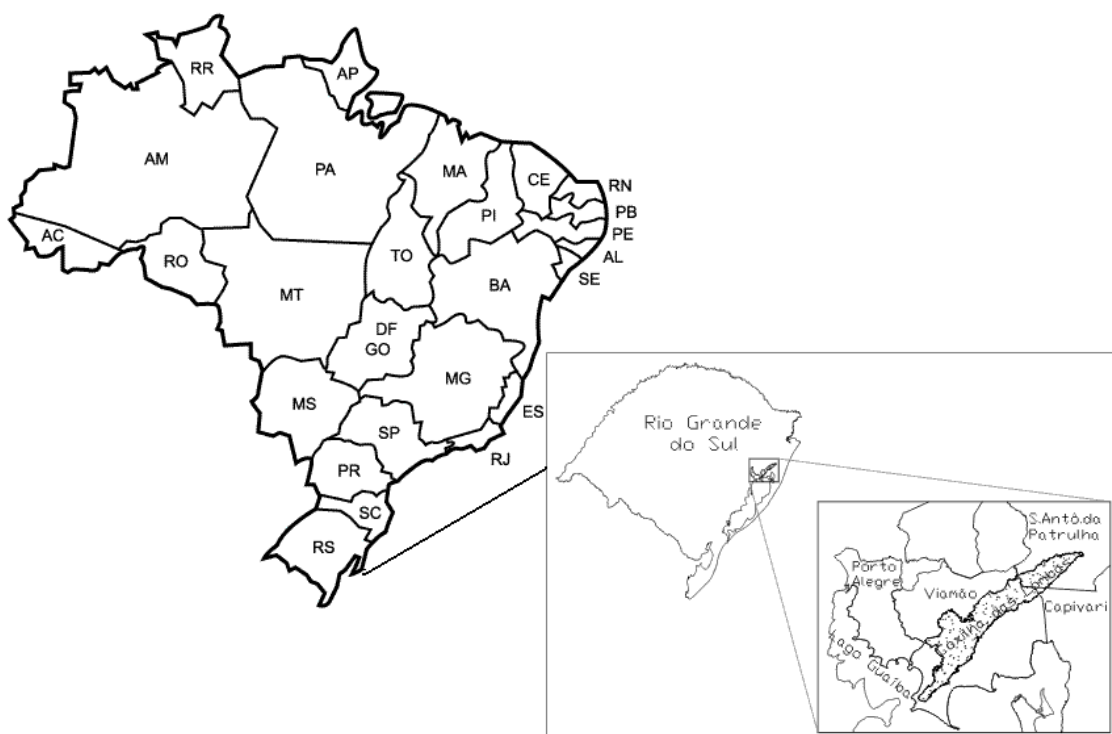
Para isso, o objetivo geral foi analisar a influência da modernização da agricultura sobre a produção familiar para o autoconsumo na comunidade de Lombas, Santo Antônio da Patrulha. Para alcançar este objetivo, foram delineados os seguintes objetivos específicos: a) caracterizar a produção familiar para o autoconsumo na comunidade das Lombas; b) caracterizar as mudanças na produção de alimentos causadas pela modernização da agricultura.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS E SOCIAIS DE LOMBAS

2.1 DESCRIÇÃO DO DISTRITO DE LOMBAS

A comunidade escolhida para elaboração do estudo é Lombas, que se situa no extremo sul do município de Santo Antônio da Patrulha. Este distrito faz divisas com os municípios de Capivari do Sul e Viamão.

Figura 1: Mapa Localizando a comunidade.



Fonte: Edição do autor, 2011.

O clima do município no qual estão inseridas as propriedades rurais pesquisadas é subtropical com quatro estações do ano bem definidas e chuvas bem distribuídas durante o ano. O verão apresenta temperaturas bastante altas, e uma média anual de 18°C. Os ventos são bastante frequentes na região e atingem uma velocidade média de 60 km/h, com direção predominantemente nordeste (dados coletados junto a Secretaria de Planejamento de Santo Antônio da Patrulha, 2000).

A localidade apresenta duas formas de relevo: a coxilha, que está dentro da faixa geológica, conhecida como Coxilha das Lombas, que se inicia na ponta do Itapuã em Viamão indo até o território patrulhense, com um relevo ondulado de solo arenoso, muito suscetível a erosões hídricas. Já nas divisas com os municípios vizinhos encontram-se as áreas de banhados,

o principal deles é o Banhado dos Touros, na divisa com Capivari do Sul. Nesta área, o solo é areno-argiloso de melhor qualidade comparado ao solo anterior, porém, apresenta índices de alumínio na sua constituição, o que obriga a correção de pH para a utilização do mesmo (MACHIORI, 2007).

Da vegetação natural na coxilha ainda resta pequenos capões de mata nativa com áreas de pastagens formadas por capins e variedades de bromélias (Gravatá). Muitas áreas foram alteradas e plantadas pastagens artificiais como a Pangola (*Digitalia decubems*) e as Brachiarias (*Brachiaria* sp), nas áreas de banhado predomina a vegetação com gramas e capins nativos. (MACHIORI, 2007) Na região podem ser visualizadas vastas áreas com mata de eucalipto, que foram implantadas há cerca de 2 anos por uma empresa de fora do município.

A comunidade tem linhas de acesso bem precário, devido às péssimas condições de estradas de chão, onde os meios de transporte mais utilizados pelos agricultores são os animais, como o cavalo e um ônibus que faz o trajeto até o centro do município três vezes por semana. Para crianças em idade escolar, existe outro ônibus, cedido pela prefeitura municipal, que transporta os alunos até a escola na comunidade vizinha de Chico Lumã.

2.2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO DE LOMBAS

Nesta etapa do estudo, são apresentados alguns aspectos em geral da população da comunidade de Lombas. O Censo 2010 identificou em torno de 87 moradores na comunidade, todos trabalhando na agricultura, embora alguns já estejam aposentados, ainda desenvolvem algumas atividades agrícolas. Logo, que coletado estes dados formam identificados outras características da população a partir da experiência e do conhecimento do autor sobre esta comunidade.

Na comunidade a grande maioria da população segue a crença católica, participando de celebrações religiosas mensais e festas anuais em comunidades vizinhas e locais. Nestas ocasiões a população local tem os seus períodos de lazer, e estas são praticamente as únicas atividades realizadas com este intuito.

Observam-se na localidade relações de ajuda mútua, pois, uma vez solicitada uma ajuda a um vizinho o mesmo sempre tenta de uma forma ou de outra solucionar o problema do outro. Nestas situações não são feitas cobranças em dinheiro, uns ajudam os outros, a fim de que, também sejam ajudados quando necessário, constituindo-se relações de reciprocidade.

A comunidade não possui escola, já possuiu há alguns anos atrás, mas pelo baixo número de alunos ocorreu o fechamento da mesma, obrigando assim, os jovens a irem para a cidade para realizarem seus estudos. Assim como em todo o país, o que também houve nesta comunidade foi um processo de fechamento das escolas rurais que não se deu apenas pelo baixo número de alunos, mas também se constitui como um projeto nacional de urbanização das escolas. Esta política na época era considerada como um processo de modernização do país, que levou este fechamento das escolas.

As propriedades são pequenas não ultrapassando os 50 hectares, onde na a própria família trabalha e eventualmente emprega a mão-de-obra de terceiros. Todos os agricultores praticam além da agricultura, a criação de animais de pequeno e grande porte: bovinos, ovinos e eqüinos, estes últimos muitas vezes utilizados para a tração animal a pluriatividade é uma pratica muito comum nestas localidades. Estas famílias utilizam a agricultura para sua alimentação e de seus animais, algum excedente é comercializado, e outra parte é destinada às trocas ou presentes entre vizinhos.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo do trabalho são demonstrados os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. São relacionados os instrumentos utilizados, as fontes de pesquisa, as tabulações dos dados, entre outros, que foram fundamentais para a construção das análises da pesquisa, resultados finais, discussões e conclusões.

3.1 LEVANTAMENTO DE DADOS

Na primeira etapa do estudo, realizaram-se saídas de campo, com o propósito de compreender a produção familiar para o autoconsumo em Lombas comunidade escolhida para elaboração da pesquisa. Também se recorreu a fontes bibliográficas que abordam a agricultura familiar de autoconsumo em várias regiões do Rio Grande do Sul, a fim de melhor compreender e analisar esta dinâmica produtiva. Realizaram-se entrevistas e construíram-se quadros comparativos para melhor compreender esta realidade.

Para o levantamento de dados realizaram-se entrevistas na comunidade estudada, que tiveram como público alvo especificamente cinco famílias agricultoras. Foram ainda entrevistados alguns integrantes de órgãos como a EMATER/ASCAR, Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha através da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, por fim a Associação de Moradores de Tapumes, (localidade vizinha). Para escolha das famílias envolvidas, a Associação de Moradores teve uma grande importância, pois, como comprovado no Censo de 2010 na comunidade foram recenseadas 87 pessoas, todas se declaram agricultores ou empregados rurais, porém, agricultores que desenvolvem algum tipo de agricultura familiar para o autoconsumo foram identificados em 23 estabelecimentos rurais, num total de 73 pessoas envolvidas com a agricultura familiar com atividades par o auto consumo numa média de 2,6 pessoas por propriedade segundo Censo 2010. Destas 23 famílias encontradas, 19 fazem parte da Associação de Moradores escolhida como base para escolhas destas famílias, através de conversas informais com integrantes desta associação definiu-se que a realização de um sorteio entre as 23 famílias com a escolha de 5 para a realização do estudo a indicação dos nomes destas famílias bem como, saber se desenvolviam atividades agrícola em suas propriedades também tiveram influencias de dados coletados junto a Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha através das Secretarias de Agricultura e Meio Ambiente, após o levantamento dos dados com entrevistas informais buscando reconhecer que eram as familia

que desenvolviam agricultura familiar para o auto consumo, depois de tudo definido ocorreu o sorteio das famílias.

Este sorteio se realizou, durante uma assembléia da associação no dia 08 de janeiro do corrente ano (2011), às 19 horas, no Salão Paroquial da Comunidade de Tapumes, os nomes das famílias que seriam estudadas foram sorteadas de dentro de um saco de plástico preto por duas crianças filhos de agricultores que estavam presentes no dia, os nomes sorteados estavam escritos em pequenos pedaços de papel devidamente dobrados e conferidos pelos presentes no dia assembléia. Das cinco famílias sorteadas neste dia somente uma não fazia parte da associação às demais eram associadas, o que de certa forma facilitou o andamento do trabalho, sendo que houve um auxílio inicial por parte do presidente da associação realizando uma apresentação deste estudo que se pretendia realizar nas propriedades da comunidade.

Como a forma da pesquisa escolhida, é do tipo qualitativa com traços quantitativos, quando se optou por realizar um sorteio acreditava-se que estes número de 5 famílias ilustraria muito bem o cotidiano da produção familiar para o autoconsumo, relacionando com a modernização da agricultura e a pluriatividade existente nestas propriedades rurais permitindo assim, a conclusão do estudo, uma vez que, na pesquisa qualitativa se busca é a riqueza das informações e não um acúmulo de dados quânticos, porém, ao longo do estudo obteve-se dados quantitativos substanciais que serviram como base para a criação dos quadros e gráficos existentes ao longo da pesquisa. Além de entrevistas, outros instrumentos de pesquisa foram necessários como, registros fotográficos, análise de documentos.

Os dados são tanto de natureza quantitativa como qualitativa, foram coletados através de entrevistas e informações extras obtidas durante a pesquisa de campo e que foram anotadas em diário de campo pelo pesquisador. Devido a fatores limitares como tempo para execução desta pesquisa, condições de deslocamento, entre outros, não foram entrevistados todos os agricultores que produzem para seu autoconsumo da comunidade de Lombas, então, optou-se por utilizar uma pequena amostra para realização das entrevistas.

As entrevistas foram norteadas por um roteiro com questões abertas elaboradas com o propósito de permitir uma flexibilidade e abertura maior para as respostas, o que possibilitou uma maior interação entre entrevistados e entrevistador, facilitando um aprofundamento de determinadas questões não previstas anteriormente. As entrevistas não foram gravadas, isto acabou prolongando durante horas algumas entrevistas, pois acabaram transformando-se em conversas informais que mesmo assim trouxeram importantes elementos para a análise. A opção de não gravar as entrevistas, ocorreu devido à tentativa de não constranger os entrevistados e deixá-los mais a vontade para fazerem seus relatos.

Como exposto acima, algumas entrevistas duraram bastante tempo. Essas conversas com a finalidade de pesquisa, podem ser consideradas grandes oportunidades de aprendizado, como é explicitado na afirmação a seguir:

Ao colocar um distanciamento do cotidiano vivido, permite ordenar um pouco pedaços de experiências que foram sendo acumulados com o decorrer do tempo, sob a forma de fragmentos dispersos, que ficaram sem conexões nem explicações. (CALDERA, 1981, p. 340 *apud* WEDIG, 2009, p. 34).

Também é necessário, trazer a discussão, a relação de participação entre entrevistado e entrevistador nesta etapa do estudo, pois, a pesquisa participante tem muito a oferecer em termos de experiências a ambas as partes. Ao realizar as entrevistas é possível perceber que este é um momento de trocas entre o pesquisador e o entrevistado.

O objetivo prioritário do pesquisador não é ser considerado um igual, mas ser aceito na convivência. Esse interagir entre pesquisador e pesquisados, que não se limita às entrevistas e conversas informais, aponta para a compreensão da fala dos sujeitos em ação. (NETO, 1994, p.67 *apud* RAMOS, 2007, p. 39).

A identidade dos entrevistados foi preservada por ocasião da coleta de dados e as identificações, para efeitos de pesquisa e formatação do trabalho, foram feitas usando-se atributo como famílias 1, 2, 3, 4 e 5.

Durante este convívio, surgiram novas questões, que inicialmente não faziam parte do estudo, e neste sentido concordando com Wedig (2009, p. 35), pode-se perceber que “[...] o campo apresenta surpresa e questões até então impensadas”. É necessário relatar que o período destinado à pesquisa de campo ocorreu entre janeiro a fevereiro de 2011.

Ao longo da construção deste estudo, além da pesquisa de campo, foram pesquisadas várias bibliografias que abordam o tema agricultura de autoconsumo e sua modernização, trazendo a discussão idéias e conceitos de diversos autores previamente pesquisados.

3.1.1 Levantamento de dados junto às famílias de agricultores familiares

A coleta de dados quantitativos teve como base as últimas três décadas, período para qual se obteve informações junto aos entrevistados e em bibliografias.

Os dados recolhidos através das entrevistas foram analisados com apoio de informações posteriores e de referências bibliográficas. Foram elaborados quadros comparativos de produção e de espécies utilizadas para o autoconsumo das famílias envolvidas.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, família por família, cada uma em sua propriedade, na maioria destas, acompanhadas por rodas de chimarrão ou então almoço, e ainda no trabalho agrícola.

Os dados levantados junto aos agricultores praticantes do autoconsumo se relacionaram a: a) propriedade rural e as principais espécies de plantas cultivadas através da agricultura familiar de autoconsumo; b) destino da produção agrícola, e se a mesma é suficiente para o consumo interno das famílias ou necessita adquirir alimentos de fora da propriedade; c) origem de sementes e mudas, utilizadas nas práticas agrícolas da propriedade híbridas ou não; d) alterações na forma de plantio, colheita, armazenamento e beneficiamento da produção agrícola; e) divisão de trabalho entre mulheres, homens e crianças na propriedade; f) fonte de renda familiar; g) ocorrência e tipo de assistência técnica recebidas de instituições públicas e instituições privadas; h) relação entre a propriedade e os descendentes, planos referentes ao futuro da propriedade rural; i) motivações que levam os agricultores a permanecerem produzindo o seu próprio alimento.

Para as entrevistas (ver apêndice) foram elaboradas questões abordando os assuntos citados acima. As entrevistas foram realizadas com os diversos membros de cada família. Os dados referentes a estes itens foram sistematizados, sendo posteriormente analisados e discutidos a luz dos referenciais teóricos.

3.1.2 Levantamento de dados junto a instituições públicas

Foram realizadas algumas entrevistas com instituições, para estas não foi criado um roteiro de entrevistas, porém procurou-se sempre abordar alguns assuntos como: a) número de propriedades rurais; b) quantidade de alimentos produzidos; c) número de agricultores ligados ao sindicato; d) número de agricultores atendidos pelas patrulhas agrícolas; e) área de produção familiar para o autoconsumo; f) a existência de projetos voltados às questões agrícolas.

Nesta situação foram obtidas algumas informações que foram sistematizadas, e constituíram fonte importante para a compreensão da atuação das instituições junto aos agricultores.

3.2 CHEGADA AO CAMPO

No primeiro momento em que se chega à comunidade a impressão que se tem é de abandono, de êxodo, de maneira que, se observa que várias propriedades que, segundo os agricultores, antes eram produtoras de alimentos como feijão, milho, verduras, leite e queijos, hoje estão abandonadas devido à migração para os centros urbanos, sejam eles de Santo Antônio da Patrulha ou dos municípios da região metropolitana.

Segundo os produtores rurais, muitas das propriedades existentes na comunidade estão cobertas com eucaliptos de empresas de fora do município, que não empregam nenhum tipo de mão-de-obra local. Chegando à comunidade, no início, se percebe certa estranheza, por parte dos agricultores locais, pois de certa forma, a pesquisa em suas propriedades os expõe, mas, como este não é o primeiro trabalho de campo desenvolvido na comunidade, como os estágios, pesquisas para projetos, base de dados para elaboração de pesquisas e seminários ao longo do curso, ela foi bem aceita e com o apoio do pessoal da associação de moradores.

Iniciou-se o encontro com os entrevistados expondo os objetivos da pesquisa, salientando que suas identidades seriam preservadas nas publicações dos dados e que seria dado retorno dos dados finais a partir da publicação do Trabalho de Conclusão de curso, logo após, as assinaturas dos termos de consentimento pelos integrantes das famílias escolhidas para a realização do estudo, então, deu-se início as pesquisas.

Durante a realização das entrevistas, percebeu-se, em alguns casos, certa restrição em falar quando se toca em assuntos como quantidades produzidas ou rendas obtidas com a comercialização dos produtos agrícolas. Nota-se uma dificuldade em obter relatos sobre estes assuntos, quando os produtores são instigados a apresentarem algum tipo de anotação sobre estes produtos o que se observa é uma total falta de materiais, e isto chama muito a atenção, pois, traz à discussão a forma como estes homens e mulheres conseguem desenvolver, ano após ano, as suas atividades na área agrícola sem ter uma anotação da produção de uma determinada área da propriedade ou o rendimento superior ou inferior de uma cultivar sobre as demais.

Quando são interrogados sobre estes aspectos citados os agricultores apontam diferentes formas de como ponderam essas questões. Um dos agricultores entrevistados explica que não anota porque anotações se perdem com o tempo, mas o conhecimento que o acompanha desde o tempo do seu pai e dos seus avós este “só vai sumir quando eu me for” (Entrevista, 3, 2011).

As questões das entrevistas buscaram fundamentalmente compreender as mudanças sofridas nas formas de produção e de consumo de alimentos a partir do processo de modernização da agricultura. .

As observações de campo foram de grande importância para complementar os dados obtidos através das entrevistas, já que andando pela propriedade e participando das atividades feitas pelos agricultores foi possível visualizar como muitas destas são realizadas. Também foram fundamentais para esta pesquisa o acesso a estudos feitos anteriormente sobre o tema da agricultura familiar de autoconsumo, pois estes, além de permitirem compreender dinâmicas que são semelhantes entre aqueles estudos e o contexto de Lombas, permitiram, do mesmo modo, ver diferenciações entre as práticas de autoconsumo dos agricultores familiares em diferentes regiões do estado.

Com esta pesquisa foi possível ter uma visão mais ampliada de um universo tão complexo e cheio de peculiaridades como é o tema da agricultura familiar de autoconsumo entre agricultores locais, uma vez que, é possível através das leituras observar que outros autores já estudaram, explicitaram temas semelhantes ao que se propôs aqui discutir. Desta forma, puderam-se cruzar informações obtidas através da entrevistas com as obtidas na pesquisa aos referenciais bibliográficos.

3.3 TRATAMENTO DE DADOS

Depois dos dados coletados, inicia-se o processo de interpretação dos mesmos, e para atingir os resultados esperados é necessário ter em mente e com clareza os objetivos a serem atingidos, logo é necessário estudar todo o material coletado e inseri-lo na pesquisa sem que possa haver interferências, como opiniões e críticas apenas conclusões com totalmente embasadas nos materiais utilizados ao longo da pesquisa.

[...] creio que é imprescindível, quando se inicia a interpretação, ter clareza sobre a “natureza” dos dados que se tem nas mãos. Não são dados “objetivos” externos e unívocos; não são lineares e produtos de um experimento onde se isolaram interferências, mas resultantes de uma quantidade de fatores que não podem ser desprezados. Tanto o que foi dito (e que pode estar gravado ou escrito), quanto o que foi observado e sentido, são dados que foram produzidos em diversos momentos de uma relação na qual entraram em jogo os mais variados elementos (CALDEIRA, 1981, p. 351 *apud* RAMOS, 2007, p. 40).

Após todos os dados coletados através de entrevistas, das observações feitas pelo pesquisador, do material fotográfico e de material referencial da pesquisa, realizou-se às tabulações, correlações e análises dos dados. Os dados coletados por meio de entrevistas foram

digitados em quadros de tal maneira que possibilitaram um melhor desenvolvimento das análises. As respostas obtidas através das entrevistas foram descritas de forma sucinta em planilhas.

Destas planilhas base, foram criadas outras, condensadas e com as questões julgadas mais relevantes para fazerem parte das análises. Foram consideradas todas as informações necessárias para a criação destas planilhas, a relevância foi determinada conforme o tema estava sendo tratado no momento em que aparecem as mesmas, estas foram construídas com os dados coletados nas entrevistas, para o resultado e análises por se acreditar ser de grande contribuição no resultado da final pesquisa.

A fase de ordenação dos dados se deu a partir da anotação de pontos mais relevantes, obtidas com os dados coletados com os relatórios das entrevistas, da leitura inicial e da organização dos relatos dos agricultores. A fase mais importante da análise é a classificação dos dados, por tratar da leitura do material, onde o autor identifica o que surge de mais relevante dos dados, podendo assim, elaborar as categorias específicas da pesquisa (MINAYO, 1994 *apud* RAMOS, 2007).

4. RESULTADOS E ANÁLISES

4.1 DESCRIÇÃO DAS FAMÍLIAS

Neste subitem do estudo serão apresentadas especificamente às famílias selecionadas para este trabalho, famílias estas escolhidas através de sorteio, onde foram selecionadas apenas 5 das famílias que na localidade desempenham atividades agrícolas familiares de autoconsumo num total de 23 encontradas pelo Censo 2010.

A primeira família estudada é composta por um homem, com 61 anos, brasileiro, natural de Mostardas, mora na comunidade há 39 anos, proprietário de uma área de 25 hectares, onde com sua esposa de 56 anos, sua produção agropecuária é baseada em milho, batata doce, mandioca, melancia, melão, verduras como couve, alface, beterraba, rabanete, entre outros e criam animais como bovinos e aves, além de cavalos para o uso da família. O casal possui dois filhos, que se encontram fora da propriedade, ambos casados residindo no município de Viamão.

A segunda família é composta por uma senhora de 73 anos viúva que reside juntamente com um dos filhos que tem 42 anos. Ambos naturais de Santo Antônio da Patrulha, ele por sua vez iniciou suas atividades na propriedade após a morte de seu pai, aproximadamente há 4 anos. O agricultor reside na propriedade durante a semana e os finais de semana, passa com sua família em sua residência em Porto Alegre. É o filho que toca a produção da propriedade, a criação de gado é a principal fonte de renda, seguida pela pensão e aposentadoria da matriarca da família, existem ainda, outros irmãos que não residem na localidade. A propriedade tem uma área de 32,7 hectares, na propriedade, existe produção de mandioca, milho, batatas doce, além de frutas como laranjas, banana, cidra, figo, legumes, como chuchu, morangas, abóboras, entre outros, todos destinados ao autoconsumo.

A terceira família é composta por um agricultor de 65 anos e sua esposa de 53 anos. Este casal possui 3 filhos, duas mulheres e um rapaz, ambos casados e com residência fora da comunidade. Tem uma propriedade de 38 hectares onde produzem mandioca, melancia, banana, feijão, batata doce, melão, morangas, além de alface, ervilha, chuchu, goiaba, pêssego, laranja de doce e animais como aves, bovinos, ovinos, suínos e cavalos.

A quarta família é composta pelo proprietário com 48 anos, sua esposa de 45 anos e suas duas filhas de 15 e 10 anos de idade. Com uma propriedade de 27,8 hectares, plantam mandioca, milho, batata doce, melancia, abóboras, laranja, uva, goiaba, alface, couve,

espinafre, rabanete, pepino tendo ainda animais bovinos, aves, eqüinos e suínos. O patriarca trabalha em outras propriedades a um custo fixo diário, quando existe a procura, mas, ele confessa que “muitas vezes não dou conta das minhas lidas, mas, quando dá tempo trabalho para fora, com os vizinhos”. As filhas muito em breve irão em busca de estudos no centro de Santo Antônio da Patrulha e o agricultor não descarta a possibilidade dele abandonar as atividades agrícolas, para poder acompanhar as filhas.

A quinta família acompanhada, é composta pelo chefe da família agricultor com 45 anos e sua esposa com 38 anos, tem dois filhos que residem junto aos pais, um menino de 13 anos e uma menina com 9 anos. Um dos filhos está concluindo o ensino fundamental durante a tarde, e pela manhã auxilia nas atividades da propriedade e a menina estuda na terceira série do ensino fundamental. A família possui uma área de terra de 35 hectares, onde plantam milho, mandioca, legumes como abóboras, chuchu, pepino, morangas, uva, batata doce, além, de alface, tomate, couve, repolho, brócolis, tudo em um sistema semi-orgânico, uma vez que, não são aplicados agrotóxicos ou adubos químicos. A principal atividade é a agricultura familiar de autoconsumo, uma vez que a família planta para o seu gasto e o excedente é comercializado para auxiliar nos gastos da família. Criam animais domésticos como galinhas, porcos, ovelhas, gado de leite e de corte, destinados ao autoconsumo e a venda.

As famílias da comunidade têm como principal característica a utilização de sua produção agrícola para o autoconsumo, ao mesmo tempo em que tem também forte ligação com o mercado, característica que foi anteriormente observada por Schneider e Grisa (2010), em que observaram que os agricultores, além de estarem se tornando produtores de mercadorias, estão se tornando também consumidores de mercadorias.

Por isto, produtores rurais utilizam todos os alimentos produzidos nas roças, hortas e pomares em sua alimentação, além dos alimentos *in natura*, as mulheres ainda beneficiam estes alimentos transformando-os em conservas, doces, schimier, lingüiças, queijos, e na comunidade um doce muito apreciado e produzido é ambrosia. As novas gerações não têm se apropriado dos saberes em torno das receitas e com isso as mesmas estão desaparecendo aos poucos.

Cresce uma nova lógica organizativa mediada pelo mundo de mercadorias. O camponês não aspira mais somente atender a sua subsistência, mas fazendo parte da sociedade moderna deseja o acesso a um conjunto de bens materiais e culturais. Como demonstrou Candido, ao mesmo tempo em que um se transforma em um produtor de mercadorias também se torna um consumidor destas. (GRISA, SCHNEIDER, 2007, p. 4)

As conservas mais confeccionadas são as de pepino e de ovos, as conservas de cebolas são confeccionadas, porém, com matéria-prima adquirida em mercados no centro do município,

devido a não aclimatação aos solos ácidos da região. Todas as conservas produzidas são para o consumo das famílias, em algumas situações oferecidas ou trocadas com vizinhos.

Os queijos que são confeccionados são do tipo colonial localmente conhecido como queijo caseiro, que no passado eram comercializados em alambiques da região, porém atualmente a produção é destinada apenas ao autoconsumo. Este assunto será mais bem detalhado na seção 4.5.1.

As schimier são feitas só para o próprio consumo, ou doação e troca, as principais são as schimier de goiaba, pêssego, uva e de pitanga coletada nas matas nativas das propriedades, a pitanga ocorre com grandes populações de plantas nesta região. As linguças produzidas são sempre preparadas quando ocorre à *carneação*⁴ de um porco, as receitas variam de família para família, enquanto uns utilizam apenas carne de porco e temperos de suas hortas, como o alho e cheiro verde, outros utilizam 70% de carne de porco e 30% de carne bovina, utilizando como condimentos sais temperados, produzidos com plantas da horta como o alho, alecrim e manjerição, além de pimentão e pimenta dedo de moça.

4.2 DINÂMICAS LOCAIS DOS AGRICULTORES FAMILIARES.

No momento em que se chega à localidade de pesquisa para observar quais são as práticas de agricultura familiar de autoconsumo realizadas pelas famílias rurais interlocutoras da pesquisa se nota que ocorreu ali um processo de êxodo rural, principalmente em razão de várias casas antigas da comunidade estarem fechadas e sem habitantes. Segundo os relatos dos agricultores, estas propriedades hoje abandonadas, antes eram produtoras de alimentos como feijão, milho, verduras, leite e queijos, carnes etc. O abandono das mesmas teria se dado devido à migração para os grandes centros urbanos sejam eles de Santo Antônio da Patrulha ou dos municípios da região metropolitana.

⁴ Carneação, mesmo que abate de animais, realizado de forma artesanal em propriedades rurais locais.

Figura 2: Casa abandonada na chegada da comunidade.



Fonte: pesquisa de campo 2011

Segundo os produtores rurais muitas das propriedades existentes na comunidade estão cobertas com eucaliptos de empresas multinacionais, que não empregam nenhum tipo de mão-de-obra local. Mas, aquelas propriedades que ainda persistem ocupadas por moradores locais como as cinco escolhidas para elaboração do estudo, utilizam mão-de-obra familiar para continuar a desenvolver suas atividades normalmente, estes agricultores não tem empregados sejam eles fixos ou temporários segundos relatos dos agricultores,

[...] a mão- de- obra já foi bem mais farta por aqui. Todas as famílias tinham em média um grande número de filhos o que garantia bastante gente pro trabalho na roça, e quando a gente precisava de uma mão era só falar com um vizinho que ele mandava um ou dois dos filhos para ajudar, eu sempre dei uns “trocados” pros guris ficarem contentes, na próxima eles vinham me procurar e perguntar se não tinha mais serviço? Hoje a gente tem uns *troquinhos* das vendas do gado e dos benefícios que recebemos e não se acha quase ninguém disposto a trabalhar por dia. (ENTREVISTA, 3, 2011)

Para as famílias rurais locais a mão-de-obra é muito importante, pois dela depende a realização das atividades agrícolas, arar a terra, plantá-la, realizar os tratos culturais necessários como, capinas e colheitas, a construção de cercas e açudes, etc.

Os agricultores pesquisados têm baixa formação escolar o que dificulta a utilização de novas tecnologias pelos mesmos. Sobre esta questão concorda-se com Vieira, que expõe que:

Os efeitos da fragmentação das propriedades, que força o êxodo da mão-de-obra rural para outros estados ou para os centros urbanos, elevando o contingente de operários sem classificação para o trabalho, conclui-se que tal circunstancia decorre, justamente, da falta de habilitação do nosso homem rural para acompanhar os avanços tecnológicos. (VIEIRA, 1995, p.102).

Nas lidas cotidianas as atividades são divididas entre homens e mulheres, mas, muitas vezes estes trabalham juntos nas lidas das *roças*, a divisão ocorre em momentos como o do preparo das áreas das roças a limpeza e os tratos de aração e gradagem, são funções exercidas pelo homem da casa. Já marido e mulher se unem para realizar os plantios as adubações, as

capinas e as colheitas. Além destas tarefas os agricultores são responsáveis por cuidar do gado no campo, tratá-los e comercializá-los.

Figura 3: Homens lidando com animais em uma das propriedades



Fonte: pesquisa de campo 2011

Na fotografia acima pode-se observar as atividades agrícolas sendo realizadas com o auxílio de amigos antigos, vizinhos que residem no centro do município de Santo Antônio da Patrulha e regularmente retornam à comunidade para visitar os parentes ou auxiliar em alguma lida na roça. Como se pode ver nas imagens mulheres dificilmente participam deste tipo de atividade.

Já as vacas de leite são geralmente tratadas pelas esposas que se ocupam ainda das lidas domésticas como limpeza da casa, preparo das refeições, cuidado com as hortas no entorno das casas, além de se ocuparem como o processamento dos produtos alimentares: schmier, geléias, queijos, doces caseiros, entre outros.

Figura 4: Queijos coloniais produzidos em uma das propriedades visitadas



Fonte: pesquisa de campo 2011

Os queijos como os vistos na imagem acima são confeccionados de forma artesanal, porém, o coalho já é industrializado comprado no centro do município, e alguns utensílios utilizados na sua fabricação mudaram como os chamados *chinchos*, que nada mais são do que as formas que dão o formato final ao queijo, antes eram construídas em madeiras e atualmente

as mulheres utilizam pedaços de canos de pvc para construção destas fôrmas. A agricultora que apresentou estes queijos relata que:

[...] minha mãe e minha avó usavam madeira para fazer os *chinchos* eu também usei, mas, depois que apareceu os canos de plástico (pvc) passei a usar estes aqui (igual o da foto). Faço furos na volta para sair o soro, este de plástico (pvc) dura muito mais, não tem madeira para apodrecer, é mais forte da para prensar mais eu prefiro este de agora até nem tenho mais dos antigos, abandonei tudo. ENTREVISTA 4,2011

Algumas senhoras ainda fazem farinhas, como a de milho e a de mandioca, porém apenas relaram como se dá a confecção destas duas, não foi possível presenciar o preparo, uma vez que o milho ainda estava verde a mandioca recém foi plantada na ocasião da pesquisa de campo. Estas agricultoras explicaram que antes ralavam o milho em ralos confeccionados pelas próprias famílias, mas que atualmente elas ralam o milho em moedores elétricos, e explicam que a mandioca passa pelo mesmo preparo, mas dificilmente esta farinha é feita nos dias atuais, devido à praticidade de se comprar um “*saquinho* de um quilo no mercado, que dura um bom tempo”, explica uma das agricultoras visitadas durante a pesquisa de campo.

Para as famílias que ainda tem filhos que moram na comunidade, a agricultura se torna um pouco mais fácil, pois como se observa na imagem seguinte, desde jovens são lhes ensinadas as atividades rurais. Na imagem abaixo, o que se vê, é um agricultor e seu filho realizando um trato de cultivo em uma lavoura de milho que servirá como alimento para a família e para os animais domésticos. Eles se utilizam de um arado rudimentar tracionado por um cavalo, o mesmo tempo em que usam sementes de milho híbrido, adquirido fora da comunidade, demonstrando a coexistência de aspectos tradicionais e modernos no fazer agrícola local. O uso de tração animal para realizar os cultivos demonstra que há falta de acesso a tecnologia, que se dá principalmente em razão de que estes agricultores não têm acesso frequentes a estes tipos de inovação. Eles utilizam à tração animal em diversas fases da produção agrícola seja no preparo de solo com a lavração de áreas íngremes da gradagem, na fase do plantio é utilizada a tração animal para a confecção das linhas de plantio, outros tratos de cultivo como passar um arado nas entre linhas do plantio é feito com o uso da força dos animais como se observara em imagens seguintes, no transporte da safra é utilizada a tração animal, além de reparos nas propriedades como reformas de cercas e pontes.. Na imagem observa-se um agricultor que não tem acesso às patrulhas agrícolas por que decidiu não fazer parte da associação de moradores existente na localidade, ele acredita que com os seus animais de tração consegue fazer um trabalho melhor já que sua propriedade apresenta áreas com declives acentuados e com a economia do dinheiro que pagaria a associação pode comprar insumos para os animais que utiliza como fonte de tração. Esta associação que controla o trator

que realiza os trabalhos nas propriedades dos associados, nas áreas em que o trator consegue a desenvolver sua função áreas com declives, por exemplo, obrigam os agricultores a manterem seus animais de tração para poder cultivá-las.

Figura 5: Agricultura familiar de autoconsumo em Lombas.



Fonte: pesquisa de campo 2011

Observa-se uma clara ligação da agricultura familiar e a agricultura de autoconsumo, uma vez que, estes dois conceitos embora distintos, na localidade estudada ambos caminham lado a lado, pois, se os agricultores familiares deixarem de produzir para o seu sustento, se tornarão cada vez mais dependentes da produção de monoculturas, e conseqüentemente ficam mais dependentes ao mercado, estando mais sujeitos as variações de preço e isso muitas vezes causa o seu próprio desaparecimentos, a medida em que não conseguem suprir as condições vitais de sobrevivência. A produção familiar para o autoconsumo neste contexto constitui-se como um elemento de maior autonomia do agricultor. Além disso, o avanço das monoculturas, principalmente das plantações de plantas silvícolas (que tem se verificado na região pesquisada), só trarão degradação aos solos da comunidade inviabilizando de uma vez por todas a prática da agricultura por parte das famílias locais.

4.3 AGRICULTURA FAMILIAR DE AUTOCONSUMO: HISTÓRICO E DESCRIÇÃO

Com a vinda dos colonizadores para o território de Santo Antônio da Patrulha, se iniciou os pequenos cultivos agrícolas, principalmente para o autoconsumo das famílias, sendo que, as plantações destinavam-se primeiramente como alimentos para as famílias rurais e posteriormente as sobras ou excedentes eram geralmente trocados por produtos que não eram passíveis de produção naquela localidade devido ao tipo de solo ou de condições climáticas desfavoráveis. Segundo Kury (1982) os cultivos que se desenvolviam no início da colonização eram o trigo, a cana de açúcar, milho, mandioca, feijão e o arroz nas áreas de várzea, entre outras, como verduras e legumes.

Na comunidade estudada, devido a sua constituição geográfica, segundo Kury (1982), a principal espécie cultivada nas coxilhas arenosas da comunidade de Lombas foi à mandioca, cujo cultivo é realizado até os dias atuais, esta mandioca era beneficiada em engenhos localmente conhecidos como tafonas, a farinha era amplamente utilizada na alimentação das pessoas da comunidade, a partir de farofas, beijus e pirão. O polvilho era usado para produção de roscas e broas.

A farinha de mandioca, assim como, a de milho que também era produzida na comunidade, além de garantir a nutrição das famílias, o excedente servia como moeda de troca. A bordo de carretas de tração animal os agricultores locais atravessavam o Banhado Grande e vinham trocar seus produtos na sede do município por alimentos que não eram passíveis de cultivo na localidade como o arroz em grãos, e o trigo já beneficiado em forma de farinha. (Kury, 1982).

Figura 6: Moenda



Fonte: Acervo da Prefeitura de Santo Antônio da Patrulha.

Com o fenômeno do êxodo rural, as famílias foram diminuindo, a mão-de-obra para trabalhar nas roças da comunidade foram desaparecendo, em seguida houve a modernização dos transportes e dos meios de produção como cita Kury:

Hoje não se sabe se para o bem ou para o mal, e graças às máquinas produzidas e vendidas por somas fabulosas pelas empresas multinacionais, tudo se processa mecanicamente, com a mínima participação do trabalhador braçal. Há até casos de equipamentos agrícolas (ceifa-trilha e tratores) que dispõem do conforto de ar condicionado, cujo custo é transferido ao produto final.

Seja como for, isso é o preço do que se chama progresso. Aliás, aí estão robôs, nas grandes montadoras, e os computadores, nas empresas de médio e grande porte, fazendo as tarefas dos assalariados, tirando o pão de muita gente (KURY, 1982, p.138).

Esta modernização dos transportes acabou trazendo farinha de mandioca e polvilho de municípios e estados vizinhos a baixo custo, e por fim, as tafonas locais foram encerrando seu

funcionamento uma a uma, até nos dias atuais não restarem mais do que partes perdidas pelos velhos galpões da comunidade.

Figura 7: Equipamento utilizado em tafonas.



Fonte: Pesquisa de campo 2011

Nas famílias interlocutoras da pesquisa, a mandioca continua sendo cultivada atualmente, porém, com o propósito de alimentar o gado, não é raro chegar a uma casa da comunidade e encontrar *ralos* que são peças de fabricação artesanal dos agricultores utilizados para beneficiar a mandioca, porém é muito difícil encontrar uma família local que utilize desta técnica para extrair a farinha ou polvilho. (Kury, 1982)

Nas famílias observadas todas cultivam a mandioca brava, mas, nenhuma a utiliza como fonte de alimento, apenas a cultivam para alimentar o gado que é atualmente a principal fonte de renda destas famílias. Esta mandioca que está sendo tratada acima se trata de mandioca brava não é de aipim que seria um tipo de mandioca doce ou mansa, nesta localidade existe esta divisão. A mandioca brava é a que era utilizada para a confecção de farinha de mandioca e do polvilho, que deixou de ser confeccionada e posteriormente utilizada pelos agricultores por que dava uma grande mão-de-obra a sua produção, como na localidade não houve modernização nas formas de processamento devido a fatores como isolamento uma vez que tal comunidade está localizada longe do centro do município e com falta de incentivos além de um abandono da assistência técnica por motivos desconhecidos segundo os moradores, aos poucos as farinhas e os polvilhos industrializados vindos de fora da comunidade até mesmo do município acabaram por garantir a extinção do uso de mandioca brava para a confecção de produtos que mais tarde serviriam para alimentar os estes agricultores. O aipim por sua vez que é um tipo de mandioca mansa ainda é amplamente utilizado na alimentação dos moradores da comunidade e na pesquisa realizada todas as famílias sem exceção cultivam a planta, alguns agricultores utilizam

o aipim como moeda de troca em comércio da região, trocam o aipim por ração para os animais e até mesmo por alimentos que não tem na comunidade como o arroz e derivados da soja, por exemplo. Quando há uma sobra na produção o que geralmente acontece este aipim é utilizado na alimentação dos animais como porcos, galinhas, patos, cavalos, ovinos e bovinos.

O cultivo de verduras em pequenas hortas aparece em quatro das cinco famílias estudadas, demonstrando assim que esta produção continua representando uma garantia de produtos de boa qualidade. As agricultoras donas da casa falam de suas hortas com entusiasmo, uma das agricultoras acompanhada, relata sobre o prazer de colher um belo pé de alface e presentear amigos ou vizinhos que não tenham este cultivo.

[...] todo início do inverno eu compro semente de alface na pecuária e faço uns dois canteiros com uns trinta pés em cada um e sempre sobra, pois aqui em casa somos só eu e o “véio” então sempre reparto com os vizinhos que por um motivo ou outro não plantam mais. Cultivo só com o esterco da vaca do leite e tem que ver que beleza de alface que dá aqui em casa todo mundo fica admirado com o tamanho. (ENTREVISTA 3, 2011)

Figura 9: Pequenas hortas nas propriedades estudadas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2001.

Além das hortas, comum na maioria das famílias estudadas, as famílias rurais de Lombas mantêm também pequenas lavouras como o milho, pomares, embora que a produção venha diminuindo, com o desequilíbrio do clima e a idade já avançada dos pomares, a produção ou criação de animais domésticos é a que mais garante alimentos às famílias uma vez, que consomem os ovos e a carne das aves, o leite e também a carne dos animais bovinos, das ovelhas aproveitam a lã e também a carne, a caça e a pesca eram hábitos corriqueiros de seus pais, a maioria relata que a pesca dificilmente é utilizada, sendo seu uso mais frequente durante a semana santa. Esse tipo de diversidade de produção também foi observada por Schneider e Grisa em outro contexto de pesquisa:

Os camponeses organizam a unidade familiar e produtiva de modo a atender a subsistência. Os camponeses cultivam várias espécies de alimentos - mantêm a horta, a produção de frutas, a lavoura, produção de animais domésticos - caçam e pescam e ainda utilizam-se quando necessário de formas complementares a subsistência (a venda da força de trabalho, por exemplo). Nesse escopo o autoconsumo desenha-se uma estratégia central para a reprodução social dos camponeses. (SCHNEIDER E GRISA, 2008, p.02).

Figura 10: Produção para o autoconsumo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A venda da mão de obra só é realizada por um dos agricultores acompanhados, os demais alegam ter muitos afazeres em suas propriedades, por isto, não conseguem sair para prestar serviços fora da propriedade. Este agricultor que relatou prestar serviços para outros vizinhos alega fazer isto para aumentar a renda da família:

[...] com duas filhas em idade de escola precisando de material escolar, minha esposa tem problemas com depressão, não são todos os remédios que ela consegue lá no *posto da vila* (Posto de Saúde Central do município). Nossa principal fonte de renda é o tambo do leite, mas com o baixo preço pago pra gente fica difícil, o que eu ganho no tambo, é só para manter ele funcionando, então trabalhar para os vizinhos nas horas que restam é o que garante nossa vida por aqui, só não sei até quando. (Entrevista 4, 2011)

A falta da mão-de-obra na comunidade é um dos fatores que mais influenciam a saída dos mais idosos para o centro de Santo Antônio da Patrulha, já os jovens são atraídos para os centros urbanos pelas oportunidades de trabalho e formação educacional.

A agricultura familiar de autoconsumo vem perdendo espaço para as pastagens, ou então, para as plantações de eucaliptos (*Eucalyptos sp.*) que foram instaladas na comunidade devido a suas condições de edafológicas por apresentar um solo ácido de baixa utilização para a agricultura além do relevo acentuado. Na comunidade houve um crescimento enorme nas áreas reflorestadas e sobre esse crescimento concorda-se com Vieira, que aponta que:

O incentivo fiscal constitui, sem dúvida, o fator de maior impulso ao nosso desenvolvimento florestal, no Brasil foram reflorestados com base em incentivos fiscais, 1.206.715 hectares, com 2.607.493.000 árvores, sendo que deste total, o Rio Grande do Sul se situa em 5.º lugar, com 71.824 hectares e 161.975.000 árvores, ou pouco mais de 16% sobre o total do país. (VIEIRA, 1995, p.171)

Figura 11: Cultivo de eucaliptos



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Como se percebe na imagem de um lado observa-se uma área de silvicultura com eucaliptos e bem ao lado uma propriedade rural com pastagens sem áreas de agricultura, clarões que aparecem na imagem são erosões surgidas após a gradagem do campo provavelmente para o desenvolvimento da pastagem existente ali.

No estudo realizado juntos as cinco famílias todas elas sem exceção confirmaram que alguns itens de sua alimentação são adquiridos fora da propriedade geralmente no centro do município itens como arroz, farinhas de trigo, mandioca, o polvilho. Estes dois últimos que outrora foram o grande produto agrícola da comunidade agora vêm das prateleiras dos mercados, a senhora mais velha do estudo com mais de setenta anos, justifica a compra destes produtos pelo seguinte:

[...] hoje em dia eu tenho que ir todo o mês a vila (Santo Antônio da Patrulha) para receber minha aposentadoria e minha pensão do meu falecido marido que Deus o tenha em paz, então quando vou lá já faço meu rancho passo mercado e compro farinha de mandioca, polvilho, farinha de trigo e de milho, às vezes fico me lembrando que muito eu fiz a farinha da mandioca, coei o polvilho, mas hoje em dia não posso mais estou muito velha e fraca e os novos (filhos e noras) não se interessam ou não sabem mais, por isso eu compro lá mesmo. (Entrevista 2, 2011)

Através da viabilidade cada vez maior de compras de alimentos nos supermercados, com preços mais baixos do que o custo que seria produzi-los localmente, algumas cultivos foram esquecidas, saberes e práticas alimentares foram sendo deixados de lado.

A seguir apresenta-se um quadro que demonstra as espécies animais e vegetais antes cultivadas e as que atualmente ainda são cultivadas.

Quadro 3: Comparativo do foi produzido pelas famílias e o que foi inserido nas propriedades..

	Animais	Plantas
Era produzidos ou criados no passado pelas famílias estudadas, e atualmente se perderam.	Porco Macau, marrecos, galinhas de angola e galinhas chinas, galinhas barbuda, galinhas nanica, garnizés.	Milho cunha, mogango, batata abóbora, batata americana, aipim gaúchão, aipim braço de negro, cidra de doce, moranga coração de boi, melão neve, tomate rasteiro, marmelo, uva e machiche, fava.
Novas espécimes introduzidas na comunidade utilizadas para o autoconsumo.	Búfalos, galinhas de peito duplo e bovinos europeus de corte.	Milhos híbridos, aipim vassourinha, aipim lombra grande, melancias híbridas, hibisco sabdarifa e Phisalis.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 4: Demonstrativo de alimentos produzidos e adquiridos fora da propriedade

Famílias	Familia 1			Familia 2			Familia 3			Familia 4			Familia 5		
Décadas	80	90	00	80	90	00	80	90	00	80	90	00	80	90	00
Produção de leite em litros/dia	100	75	5	50	50	5	20	08	02	120	80	40	30	10	3
Nº de animais bovinos comercializados por ano	05	08	15	7	15	18	10	12	20	03	05	09	3	7	10
Nº de animais bovinos abatidos/familia/ano	3	2	0	2	2	1	2	1	1	3	3	2	2	2	1
Números de galinha Criadas no terreiro	50	40	20	20	35	30	45	50	40	35	40	40	35	20	25
Média de dúzias de ovos de galinha colhidos/mês.	20	15	5	5	11	10	15	20	14	12	16	18	11	6	8
Média das galinhas compradas em pecuárias/por ano.	0	10	10	0	5	10	0	20	20	0	0	10	0	0	5

Fonte: Elaboração do autor.

O quadro acima demonstra diversos aspectos da vida produtiva dos agricultores entrevistados que se modificaram nas últimas décadas, demonstrando a diminuição de produção e de criações como a quantidade de leite tirada por dia, o número de animais comercializados por ano que veio aumentando com o abandono da produção do leite devido à desvalorização de tal produto, também com o surgimento da energia elétrica a partir da década de 1990 percebe-se uma diminuição no número de abates de animais bovinos, devido à aquisição de freezer potentes que proporcionam o armazenamento desta carne por mais tempo antes o armazenamento era feito a base de salinização da carne o tradicional charque.

A produção de ovos vem caindo devido à introdução de mais animais oriundos de pecuárias que são destinados principalmente ao abate e quando ficam no terreiro proporcionam animais de baixa fertilidade o que acaba por diminuir as aves das propriedades, a média de galinhas compradas vem aumentando em algumas famílias no futuro poderão trazer problemas para estas criações.

Casos como os das aves as famílias relatam que se torna mais prático ir até a pecuária e adquirir pintos de corte conhecidos popularmente, como peito duplos ou brancos, do que colocar ovos de suas galinhas em choco sem a certeza de que vão descascar, além do tempo de crescimento que é bem mais lento no caso do pinto crioulo, diminuindo cada vez mais. Essa situação também é verificada em outras regiões, como cita Vieira:

Na região metropolitana de Porto Alegre, há um ano atrás havia 48 aviários com 1.500.000 aves, sendo 2/3 constituídas por frangos de corte. Criando unicamente galinhas para postura existiam 11 estabelecimentos e, exclusivamente destinados a frangos de corte, 22; enquanto, com exploração mista, de poedeiras e frangos, constavam-se 10 aviários. (VIEIRA, 1995, p.34)

Animais como os búfalos e os bovinos europeus começaram a surgir após a chegada de um fazendeiro, com grande área de terra na comunidade e foi comercializando animais de ambas as raças para os agricultores locais. Nas imagens abaixo se observa um pequeno rebanho de búfalos na primeira imagem e na segunda, observa-se animais de mestiços de gado europeu com zebuínos buscando uma melhor produtividade em seus animais para se adequar aos mercados consumidores que compram estes animais Vieira fala em sua obra sobre o tema:

Conclui-se que a exploração agropecuária, em nossos dias dispõe de condições para atingir a níveis de produtividade, inigualáveis, sempre que houver uma compatibilização entre fatores da produção, integrantes das inovações tecnológicas, com as condições econômicas existentes nos mercados consumidores dos produtos resultantes. (VIEIRA, 1995, p.217)

Figura 12: Bubalinos à esquerda e bovinos à direita.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Na sequência observa-se uma tabela com dados levantados junto às famílias escolhidas para execução do presente estudo demonstrando a diminuição ou quase total abandono da produção do leite, verifica-se ainda o aumento da criação de animais destinados à venda ou ao abate, este abate realizado nas propriedades utilizado para suprir as necessidades das famílias vem diminuindo ao longo das décadas devido ao abandono dos mais jovens e a construção de redes elétricas, o que fez com que a maioria dos agricultores adquirisse freezer, possibilitando a armazenagem da carne por um prazo maior de tempo. Permite ainda analisar que as criações de galinha vêm em alguns casos diminuindo em outros há certa constância, o que aumenta com o passar dos anos é a criação de aves de corte compradas em agropecuárias.

Criações de patos ao longo do estudo foram identificadas apenas em duas famílias que utilizam mais para uso dos ovos e da carne, não há comercialização dos mesmos. Marrecos não foram identificados em nenhuma das famílias, e uma ainda cria gansos apenas de estimação e utiliza os ovos.

Figura 13: Produção de gansos



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

4.4 AJUDA MÚTUA E RECIPROCIDADE

Um fenômeno social muito interessante são as trocas de alimentos oriundo das hortas, mas também da lavoura ou do curral como o leite e os ovos. Sobre este aspecto um dos agricultores explicou que:

[...] ano passado quando tosquei minhas ovelhas dei dois sacos de lã, com em uns de trinta quilos de lã suja para uma vizinha, que gostaria de fazer um acolchoado para o inverno, aqui faz tanto frio, mas eles não criam ovelhas, então, dei a lã em troca eles me deram 15 ovos de umas galinhas *polacas* que eles tem, para a minha esposa colocar em choco. (Entrevista 2, 2011)

As trocas são muito comuns quando ocorrem carneações que são os abates dos animais. É uma prática ainda comum à troca dos chamados presentes, quando uma família abate, por exemplo, uma rês bovina o homem da casa já sabe qual deve ser o pedaço que vai para cada um dos vizinhos. Segundo os agricultores esta tradição da troca dos presentes vem da época dos seus antepassados que não tinham onde armazenar toda uma rês, por exemplo, relata o senhor:

[...] no tempo do meu pai (falecido) e dos meus avós, quando eles iam carnear uma vaca, boi ou porco, primeiro se avisava os vizinhos para se reunirem naquela casa no dia determinado pelo dono do bicho e com grande alegria passavam o dia ajudando na carneação. Eles matavam uma novilha geralmente escolhiam uma que tivesse problemas para pegar cria, ou um boizinho que entrasse muito nas roças causando danos, salgavam boa parte faziam o chamado charque e o restante repartia com a vizinhança, e quando os vizinhos iam matar os seus animais o ritual se repetia. Todos ajudavam e iam se repartindo com os outros, “não é que nem hoje em dia que tu *mata* um boi e ele cabe todo em freezer” ainda bem que os vizinhos continuam de certa forma unidos, pois, sempre que carneamos os chamamos (os vizinhos) e sem demora aparece alguém para nos ajudar. (Entrevista 2, 2011).

Com isso pode-se observar que as práticas de reciprocidade de alimentos não estão ligadas apenas a questões materiais (no exemplo dado, o caso de existir ou não o freezer), uma vez que mesmo em tempos em que os agricultores têm a possibilidade de armazenar toda a carne do carneado em casa, eles continuam realizando a doação de carne a fim de alimentar os laços sociais. Este tipo de situação também fica clara nos estudos de Menasche, Marques, Zanetti:

Assim é que a raridade, nos dias de hoje, dos mutirões de trabalho, lembrada pelos mais velhos com pesar, é, de certa forma, compensada pela mobilização coletiva que, em clima festivo, é observada quando vizinhos e parentes se reúnem para carnear um animal. Tal costume extrapola a simples necessidade e reafirma a dádiva, vivida neste momento de ajuda mútua. (Menasche, Marques, Zanetti, 2008, p.10).

O costume de auxiliar o vizinho a carnear se mantém até os dias atuais, e demanda a troca de serviços e também a troca de produtos. Também se observam na localidade pesquisada as trocas de semente e plantas como morangas, melancias, melão, abóboras e outras, permitindo, além da manutenção dos laços sociais, a garantia à variabilidade de espécies de plantas entre os agricultores. Essas relações de trocas de alimentos e a sociabilidade que ela permite também foram salientadas por Schneider e Grisa, citando Antonio Candido e seu estudo sobre os caipiras paulistas:

Em seu magistral estudo sobre os caipiras do Rio Bonito, Cândido (2001) observa que a alimentação é “fulcro de sociabilidade”, e o mesmo pode ser estendido para a produção para o autoconsumo. Na medida em que possui valor de uso para os agricultores, geralmente serve para manter e fortalecer relações sociais com famílias e vizinhança. É comum entre vizinhos e membros da comunidade a troca de produtos da horta, sementes, frutas, produtos que nos vizinhos ainda não estejam em fase de colheita, entre outros. (SCHNEIDER E GRISA, 2008, p.5).

Figura 14: Carneação de porco e boi.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Na localidade de Lombas, as trocas de sementes de verduras ou de mudas como a do aipim ou da batata-doce são muito comum, principalmente em anos que ocorrem muitas geadas e as plantações de alguns vizinhos ficam mais expostas às ações deste efeito climático, nestas ocasiões os agricultores se auxiliam doando ou trocando cargas de ramas que são os pés de mandioca que serão cortados para depois serem plantadas. Veja o relato de um dos agricultores envolvidos com o estudo sobre as trocas na comunidade ele comenta que,

[...] em 2009 houve uma *baita* geada na minha roça minha rama (mudas de mandioca) *pretio* todinha perdi toda a rama de mandioca que uso para dar pro gado e do aipim que uso pro meu gasto, não sabia como é que eu ia conseguir plantar o ano que vem. Dependo da mandioca e do aipim, se não, o meu gado passa fome no inverno e eu fico sem dinheiro para *gira* com a terra, pois se eu não tiver gado gordo não vendo e não tenho de onde tirar outro dinheiro a não ser o da aposentadoria que é para pagar *uns remédio* que eu e a minha esposa usamos. Tenho que pagar a luz os imposto da terra. Então, preciso do dinheiro do gado para comprar semente de milho, adubo, pagar um trator da prefeitura para preparar a terra não consigo mais fazer isto com os bois. Quando eu pensei que não tinha saída, outro vizinho veio aqui e me arrumou duas carretas de rama o meu cunhado mais uma e eu consegui fazer uma rocinha mesmo pequena, mas, já deu para passar o inverno do ano passado. (Entrevista 1, 2011)

Figura 15: Mudanças de mandioca, e a cooperação entre vizinhos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Desta forma, podemos observar a importância que tem as relações de reciprocidade, que além de alimentar os laços sociais, permite que o agricultor não se veja frente a uma situação de

total penúria ao enfrentar as intempéries da natureza. O auxílio dos vizinhos neste contexto é de fundamental importância.

4.5 MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E A COMUNIDADE DE LOMBAS

As famílias deste estudo admitem que foram parcialmente inseridas neste contexto de modernização da agricultura, já que, começaram a fazer uso de sementes industrializadas, insumos como adubos e uréia, mas não aderiram completamente à mecanização na produção, ainda é possível perceber a tração animal em várias *roças* da comunidade de Lombas, esta tração é utilizada devido ao aspecto geográfico da comunidade que apresenta áreas de terrenos íngremes e a falta de condições dos agricultores a adquirirem tratores para elaborarem seus trabalhos.

A modernização da agricultura foi disseminada como algo que iria auxiliar os agricultores do mundo todo para que eles tivessem condições de produzir para atender as demandas locais de alimentos e conseqüentemente países antes importadores passariam a ser exportadores de alimentos, os agricultores teriam condições de combater a fome mundial. A difusão mundial de sementes e plantas surge principalmente com os transgênicos e híbridos, citados por Soglio (2008), porém, na maioria das vezes estes sistemas de produção avançada acabam prejudicando os pequenos produtores que se vêem influenciados pela mídia e abandonam cultivos tradicionais como as sementes crioulas e passam a cultivar estas espécies modificadas o que acaba prejudicando diretamente o pequeno agricultor familiar. O cultivo destas espécies geneticamente alteradas em laboratórios e centros de pesquisas causam nas famílias produtoras uma dependência aos fatores externos a propriedade e perda de autonomia.

A mídia tem atuado na difusão da idéia da necessidade da modernização da agricultura e que as regiões só se desenvolveriam de verdade se fossem baseadas na utilização de grandes máquinas para cultivo e manejo com o solo, manejo químico para o controle de plantas nativas, que estes consideram como ervas daninhas e técnicas de alto risco para o meio ambiente (derrubadas de áreas de matas nativas, como as que podem ser observadas na Amazônia e no Cerrado brasileiro). Os meios de comunicação justificam estas práticas como sendo necessárias para a criação de novas fronteiras agrícolas, desta forma, podendo o país aumentar suas produções e gerar divisas.

Os agricultores relataram que os sistemas de cultivo vêm mudando nos últimos anos, segundo eles, as variedades de milho crioulas, de legumes como abóboras, morangas, pepinos, melões, melancias, além de verduras como alfaces, couves, mostardão, salsa, cebolas, pimentas,

cenouras, espinafre, que antes eram plantados e cultivados pelos seus antepassados desde o início da colonização da comunidade, e que eles cultivam há até pouco tempo atrás, não existem mais. Atualmente estas sementes e mudas foram perdidas devido, a modernização da agricultura. Normalmente quando estes agricultores desejam plantar alguma dos cultivos citadas anteriormente, simplesmente quando vão ao centro do município, se dirigem a uma das tantas agropecuárias existentes por lá, e adquirem a semente da planta que deseja cultivar.

A quase totalidade dos agricultores da região plantam milhos híbridos, oriundos de sementes compradas no centro da cidade, como já citado anteriormente, este quadro é preocupante devido à falta de garantias sobre a continuidade deste cultivo, caso se um dia hipoteticamente, estes agricultores por um motivo desconhecido não conseguem ter acesso a estas sementes, automaticamente toda a produção de milho que é utilizado pelas famílias, seja ele verde cozido como alimento direto, ou beneficiado em forma de farinha como ainda existem em algumas famílias, não poderá continuar a ser desenvolvido como acontece no presente momento da agricultura familiar local. Observa-se assim uma dependência alimentar cada vez mais intensa com o mercado.

Figura 17: Plantação de milho híbrido variedade 5020 Santa Helena



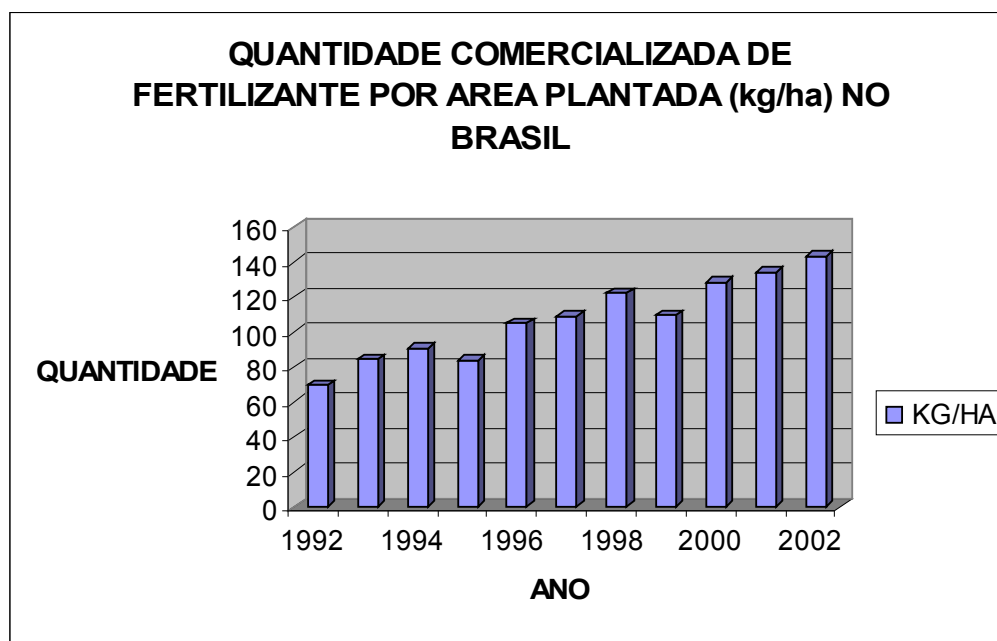
Fonte: pesquisa de campo 2011

Ainda, segundo os agricultores, o milho comprado produz mais que os antigos plantados, só que o problema que os produtores vêem é que eles ficam presos às empresas fornecedoras de sementes, este problema não é exclusivo da comunidade ou do município de Santo Antônio da Patrulha, em muitos outros locais do globo as multinacionais do setor agrícola já dominam o comércio de sementes e mudas. (LUTZENBERGER 2001)

Um dos itens mais utilizados pelas famílias da comunidade em estudo são os adubos, estes servem para complementar os nutrientes do solo e gerar plantas altamente produtivas. Abaixo é apresentado um gráfico, a nível nacional do evidente crescimento da utilização de

fertilizantes para a agricultura, este estudo demonstra que durante dez anos o uso destes insumos aumentou consideravelmente.

Gráfico 1: Quantidade comercializada de fertilizantes por área plantada (quilograma/hectare) no Brasil



Fonte: Anda (2003 apud CONTERATO e FILLIPI, 2009 p. 31).

Atualmente a produção agrícola convencional é extremamente dependente de adubação química, os grandes cultivos somente respondem com altas produções se houver a aplicação em grandes quantidades de fertilizantes químicos. A comunidade estudada, de certo modo acabou se rendendo ao uso destes fertilizantes, acompanhando assim, a tendência “moderna” da agricultura, apesar da mesma não apresentar cultivos em grande escala, agricultores da comunidade utilizam estes insumos em suas *roças* para obterem melhores resultados.

Os sistemas agrícolas convencionais dependem do fornecimento de adubos químicos para a nutrição das variedades chamadas de *alta produtividade*, que na verdade deveriam ser designadas por variedades de *alta resposta* aos adubos químicos, já que, foram desenvolvidas para esse fim. (WEID, 2009, p. 55)

A modernização trouxe ainda outro problema à localidade, através de um benefício da prefeitura municipal, a Associação dos Moradores das Localidades de Lombas e Tapumes ganharam um trator para realizar uma patrulha agrícola, num primeiro momento, isto pode até parecer favorável aos agricultores. Porém, o problema é que muitos agricultores acabaram vendendo suas juntas de bois responsáveis pela tração animal da pequena propriedade, ficando

dependentes do trator, que na época da safra não consegue atender a todos os sócios atrasando os plantios, causando perdas na produção local. Com a utilização deste trator outros problemas surgiram, e desta vez ligados ao lado ambiental da questão, como o pé-de-arado, que se caracteriza pela compactação do solo, aumento nas erosões hídricas, além de ocasionar pequenos danos à natureza quando muitas vezes o operador por despreparo realiza abastecimento na lavoura, lubrificações e regulagens de implementos como tanques para aplicação de agrotóxicos, pequenos resíduos são lançados de forma inconsciente, em alguns casos esses resíduos param dentro de açudes ou córregos que existem na região, contaminando-os.

As mudanças tecnológicas da agricultura, como se observou na comunidade em estudo vem modificando a realidade dos agricultores, descaracterizando as formas de produção utilizadas anteriormente. Sobre as consequências da modernização da agricultura Palmeira aponta que:

Essa modernização, que se fez sem que a estrutura da propriedade rural fosse alterada, teve, no dizer dos economistas, “efeitos perversos”: a propriedade tornou-se mais concentrada, as disparidades de renda aumentaram, o êxodo rural acentuou-se, aumentou a taxa de exploração da força de trabalho nas atividades agrícolas, cresceu a taxa de auto-exploração nas propriedades menores, piorou a qualidade de vida da população trabalhadora do campo. (PALMEIRA, 1989, p. 87)

Quanto às políticas públicas para a continuidade do autoconsumo junto às famílias estudadas três, das cinco famílias tem acesso a uma patrulha agrícola que é administrada por uma associação de moradores da comunidade vizinha Tapumes, esta patrulha agrícola passou a existir desde o ano de 2005 contando com um trator tracionado (4x4) a diesel, e implementos necessários para os tratos de cultivos nas lavouras dos associados. Este trator foi doado pela prefeitura municipal de Santo Antônio da Patrulha através da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, esta patrulha agrícola é de grande importância para os moradores das localidades, sendo que, antes era necessário gastar altos valores com tratores particulares, na atualidade apenas desembolsam o valor do combustível utilizado para realizar seus serviços, com isto muitos agricultores locais conseguem plantar áreas maiores de pastagens ou de mandioca para alimentar o gado, que como já foi citado anteriormente, é a principal fonte de renda dos moradores desta comunidade.

Figura 16: Trator da patrulha agrícola preparando a terra.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Como se percebe as chamadas modernizações na agricultura, não trouxe o real desenvolvimento para as famílias da localidade pesquisada, muitos agricultores salientam, em seus diálogos durante as entrevistas, que este infelizmente é um caminho complicado de ser trilhado de volta, as antigas formas de produção quem sabe possam ser resgatadas, mas dificilmente isto aconteça devido à falta de estudos ou interessados em trabalhar com o tema no município. Muitos agricultores se queixam da falta de apoio por parte dos órgãos de extensão, eles esperam que consigam se manter no campo enquanto puderem e não tem certezas sobre o futuro das propriedades uma vez que os filhos da maioria dos estudados já se encontram fora da comunidade e dificilmente voltaram ao convívio com a agricultura familiar. Os saberes e práticas referentes ao autoconsumo, às técnicas de cultivo, preparo de solo, épocas de plantio e colheitas estão sendo esquecidas aos poucos pelos jovens filhos destes agricultores.

4.5.1 A produção de queijo na comunidade de Lombas

Assim como o trabalho apresentado por Krone (2009) relata que o queijo serrano já é produzido há muitos anos na serra gaúcha o queijo colonial ou caseiro também é produzido a muito tempo na comunidade, através das pesquisas realizadas pode-se perceber que as mães e as avós das agricultoras já dominavam as técnicas de produção do queijo.

Como relatado anteriormente, a grande parte das famílias produziam queijo com o intuito de satisfazerem suas necessidades alimentares, além de aproveitarem os excedentes da produção de leite, que era destinada para o autoconsumo. O queijo passou a ser comercializado com o intuito de alavancar as rendas, com um produto de grande aceitação entre os vizinhos

que não produziam o mesmo e também de fácil comercialização em comércios da região, até mesmo no centro do município de Santo Antônio da Patrulha.

Relatos das famílias demonstram que a confecção do queijo era na grande parte das vezes desempenhada pelas mulheres da casa, aos homens cabia a retirada do leite pela manhã, acompanhando esta tradição até os dias atuais a fabricação ainda é realizada principalmente por mulheres. Pode-se perceber que as formas de fabricação do queijo vêm sofrendo alterações com o passar do tempo, no início segundo relatos das famílias, o queijo era produzido todo de forma artesanal, por exemplo, para coalhar o leite era utilizados pedaços de uma víscera específica dos ruminantes a chamada coalheira, uma agricultoras explica que:

No tempo da mãe da minha mãe não se usava coalho comprado não existia para vender se usava coalheira do boi (bovinos) ou da ovelha (ovinos) podiam ser utilizadas, a das ovelhas era melhor dizia ela por que agia mais rápido, mas, a do boi se tinha com maior abundancia, pois, era a carne que mais se gastava naquele tempo, quando matavam o gado ou a ovelha retiravam a coalheira lavavam bem passavam sal como se fosse fazer um charque, deixavam secar ao sol, depois quando seco lembro que a vó cortava uns dois ou três pedaçinhos e colocava num copo com água esperava uma meia hora e colocava aquela água dentro do leite e pronto logo em seguida o leite começava a talhar, daí por diante os processos são os mesmo que uso até hoje, porém a vó usava chinchos de madeira eu já prefiro os de plástico (PVC). (Entrevista 5, 2011).

Com o passar dos tempos produtos industrializados começavam a surgir para se fixarem como as principais e mais praticas formas de coagulantes, no final da década de 70 inicio dos anos 80, um coagulante em pó que segundo os entrevistados, eram bem mais rápido sua ação sobre o leite se dava de forma quase que instantânea, porém por motivos desconhecidos dos entrevistados este coalho durou pouco tempo no comércio, como uma agricultora relata:

Este coalho vinha numas latinhas pequenas nem me lembro se tinha marca ou não, só lembro que a mãe ensinou a gente usar assim, pegava um palito se fósforo molhava a parte da cabeça em seguida enfiava dentro do pó, depois colocava no leite e pronto rapidinho *tava* coalhado, com certeza dava menos trabalho que quando tinha que preparar o coalho à base da coalheira. (ENTREVISTA 4,2011)

Hoje em dia é utilizado nas casas estudadas onde tem produção de queijos do tipo caseiro o coalho liquido, adquirido via compra em comércios como mercados ou armazéns da região, nem mesmo o pó já industrializado ou o processo de produção artesanal do coalho a partir da coalheira é utilizado.

Atualmente os queijos produzidos na comunidade, não saem para fora dela. Até a metade da década de 90 do século passado os queijos locais eram bastante confeccionados e comercializados em comércios locais ou de comunidades vizinhas como a de Capão da Porteira localidade pertencente ao município vizinho Viamão, onde se encontravam vários pontos de

vendas do queijo colonial da região ao longo da RS 040 ligação da região metropolitana com partes do litoral norte, porém, com o aumento da fiscalização e da criação de novas exigências de produção, diminui-se drasticamente o número de produtores de queijo e conseqüentemente de queijo ofertado. Como cita Krone (2009) em seu estudo sobre o queijo serrano, nos campos de cima da serra gaúcha a fiscalização vem alterando a rotina das famílias que produzem o queijo, mudando as formas de fabricação do produto. Na comunidade de Lombas, a comercialização do queijo nunca foi a principal fonte de renda familiar, mas sim, uma alternativa de se elevar a renda, então, no momento que se intensificou a fiscalização, produtores começaram perceber certos prejuízos com a venda do produto, então, decidiram parar a comercialização do queijo e fabricá-lo somente para o autoconsumo.

Após, verificar o que ocorreu com a venda de queijo na comunidade em estudo, percebe-se uma grande semelhança com o que vem ocorrendo na serra gaúcha, porém lá, a produção do queijo serrano é a principal fonte de renda das famílias que o produzem, verifica-se que a intensificação de fiscalização acaba interferindo no processo de fabricação do queijo.

Podemos, assim, afirmar que a pressão exercida pelos órgãos de fiscalização em torno da legalização da produção de Queijo Serrano tem influenciado principalmente a rotina de trabalho das famílias no momento da comercialização. (KRONE, 2009 p. 86)

Krone (2009) relata que a atual legislação sanitária foi criada baseada nos padrões internacionais, assim, não considerando as características locais. Produtores de Lombas comercializavam queijo em pequena escala, somente para auxiliar a renda mensal da família, mas, as exigências para produzir o produto eram as mesmas de quem tinha como principal atividade a comercialização de queijo.

Em grande medida, o sistema regulatório da legislação sanitária brasileira foi baseado em padrões internacionais de qualidade, não levando em consideração aspectos locais e regionais da produção. Os alimentos produzidos com métodos tradicionais e baseados em um *saber-fazer* local não foram considerados nas definições da legislação sanitária vigente. (KRONE, 2009 p. 86-87)

As medidas sanitárias impostas aos agricultores, fizeram com que a produção do queijo fosse abandonada por muitas famílias, os que ainda mantêm alguma produção, vendem de forma ilegal o queijo, que já é produzido na comunidade há algumas gerações em suas próprias casas para familiares ou conhecidos que residem em centros urbanos e que tem propriedades na comunidade, ou então, apenas visitam parentes e acabam procurando por este produto, que poderia se dizer que é tradicional desta região. Este é um dos problemas que a modernização das leis sanitárias trouxe para a agropecuária, que também fazem parte da evolução da

agricultura. Para sobre estas famílias, a insegurança de que, num futuro próximo, estas leis condenaram a produção de queijo ao desaparecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se, caracterizar a produção familiar de autoconsumo praticada em Lombas, analisando as possíveis influências causadas pela modernização na agricultura local, verificando se haveria a continuação da agricultura familiar de autoconsumo na comunidade estudada, mesmo com a modernização. Pelo material bibliográfico pesquisado e pela pesquisa de campo, é possível verificar que a produção de autoconsumo familiar está aliada com algumas tecnologias oriundas da modernização da agricultura, verificando assim, que o trabalho de pesquisa confirmou a hipótese levantada.

Ao final desta etapa, parte-se para novos desafios que surgiram com a vivência das atividades que o futuro reserva, várias foram às questões respondidas e outras tantas ficaram em aberto durante a construção desta pesquisa. Agora na conclusão do presente estudo, novamente surge à imagem do agricultor como um aliado na pesquisa de campo, o agricultor familiar, de modo geral, na maioria das vezes estigmatizado a partir do processo de modernização da agricultura como, ignorante e sem cultura, mas, demonstra quando abordado, uma educação e um conhecimento, embora não acadêmico, mas sim, empírico de uma grandeza incalculável. Estes homens e mulheres, participantes desta pesquisa, demonstraram um domínio sobre suas técnicas de cultivo e sobre administração de suas propriedades. Alguns, sem ao menos ler com fluência ou fazer cálculos no papel, porém, demonstram inúmeros saberes sobre suas áreas cultivadas, variedades, quantidades necessárias para seu consumo e rendas obtidas ao longo do ano, sem contar com nenhum tipo de anotação ou registro.

Ao chegar a uma comunidade rural, não se sabe bem ao certo como vai se proceder aos atos de comunicação, pois, os agricultores usam termos próprios para descrever sua realidade. Mas, depois que se consegue compreender, tais termos e o que se passa ali, e os agricultores descobrem as reais intenções da pesquisa, se ganha parceiros leais e valorosos na construção de uma etapa tão importante. Das famílias, obteve-se os relatos e as imagens capturadas, além, da compreensão da forma como se organizam para exercer as atividades com plenitude dentro de suas propriedades. Vão ficar registrados os conhecimentos herdados sobre o funcionamento dos plantios que ainda resistem às inovações do mundo atual, cada vez mais, capitalista, aliando estes conhecimentos com o material teórico que trouxe à luz o debate sobre os conceitos trabalhados no estudo.

Pode-se concluir que as produções das famílias, destinada ao autoconsumo, é o que aliado com a mão-de-obra familiar contribuem juntamente com outros tantos fatores para a

permanecia dos agricultores no campo, pois, assegura alimentação e também fonte de renda, que cobre a necessidade destas famílias ao longo dos anos. A modernização da agricultura aparece, por um lado, como um auxílio, por outro, desponta como uma forma de interferência negativa na vida e na produção destas famílias, cultivos que antes eram cultivadas com sementes locais, foram substituídas por sementes híbridas ou manipuladas em laboratórios, que aparentemente garantem um aumento na produção local, mas ao mesmo tempo fazem com que os agricultores percam a diversidade de espécies por ele produzidas, consumidas e trocadas anteriormente. Existe uma perda incalculável, que seria a perda das sementes crioulas utilizadas por várias gerações, mas este é um dos preços que paga por tal progresso. A salinização das terras com o uso de adubos químicos, a formação de erosões, desmatamentos e assoreamentos de córregos, infelizmente são preços que esta comunidade, assim como tantas outras, pagam pela introdução destes hábitos de cultivo, tidos, por muitos como uma agricultura moderna capaz de solucionar o problema da fome no mundo.

Somente aumentar de forma irracional e não planejada a produção de alimentos no mundo, não irá solucionar problemas relacionados à falta de alimentação para aqueles que não tem acesso a ela. Sendo que, no cenário atual da economia mundial o que se percebe, são incentivos voltados apenas a determinados cultivos com alto valor de mercado, principalmente para exportação, criando nos países produtores um monopólio de cultivos como o da soja, do arroz, do milho etc.

Percebeu, ao realizar esta pesquisa, que as pequenas propriedades produzem alimentos de forma pluriativa, na maioria das vezes destinadas ao autoconsumo, havendo o comércio de excedentes quando os mesmos ocorrem. Fica a pergunta, será que um grande produtor de soja, não se alimenta com verduras, legumes ou derivados de origem animal? E de onde vem esta produção?

Após reflexões pode-se concluir que as respostas destas questões estão ligadas aos pequenos produtores familiares, tantas vezes rotulados como *atrasados* ou sem importância no cenário agrícola do nosso país. Concordando com Dal Soglio (2009), o alimento para satisfazer as necessidades do mundo já existe, o que falta, são condições dignas para que todas as pessoas tenham acesso a estes.

Com a realização deste estudo ficou clara a importância da agricultura familiar na continuação dos policultivos que garantem uma diversificação na alimentação e na possibilidade de acréscimo da renda familiar de agricultores familiares. A agricultura familiar de autoconsumo surge ainda como uma importante forma de garantia do abastecimento regular e com qualidade dos alimentos consumidos. Esta produção garante a continuidade de relações

sociais como as trocas, garantem ainda a existência de receitas elaboradas com alimentos oriundos das *roças* e hortas da comunidade. Trabalhar com estes temas oportunizou o acréscimo de conhecimento sobre cultivos tradicionais como, o aipim, a batata doce, além de se vivenciar a introdução de cultivos novos como o quiabo de angola (*Hibiscus sabdarifa*), que quem sabe no futuro possa entrar nas refeições diárias destas famílias.

Na pecuária a criação de bovinos vai garantindo uma renda extra, além da carne que consomem, junto com os porcos, as galinhas e outros, que fornecem mais do que renda, fornecem alimentos de qualidade à mesa. Podendo aproveitar ainda restos de alimentos consumidos pelas famílias, compondo assim, peças importantes no jogo pela sobrevivência no campo destes homens, mulheres e crianças que deram grandes contribuições à pesquisa elaborada.

A metodologia aplicada a este estudo foi de grande importância, pois através dela pode-se alcançar os objetivos proposto pelo trabalho, com esta metodologia foi possível aliar os conhecimentos empíricos recolhidos junto às famílias escolhidas para a realização da pesquisa relacionando com o conhecimento adquirido através das bibliografias estudadas durante a elaboração do estudo. Apesar da resolução do problema proposto para esta pesquisa novas questões surgiram, tais como, quem fará a sucessão destas famílias, ou como futuramente conseguirão desenvolver seus cultivos se eles estão cada vez mais se baseando em produtos como sementes e adubos industrializados oriundos de fora da propriedade rural?

Enfim, ao término deste estudo foi possível perceber que realmente existem práticas de autoconsumo na comunidade estudada e que as famílias envolvidas na pesquisa a praticam com êxito, pode-se perceber que ao passar dos anos esta forma de agricultura sofreu influência com a modernização da mesma alterando a forma como a agricultura familiar que também é praticada a várias gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTERATO, Marcelo Antonio; FILLIPI. **Teorias do Desenvolvimento**. Série educação a distância do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

DAL SOGLIO, Fábio Kessler. **A crise ambiental planetária, a Agricultura e o Desenvolvimento**. Texto escrito para a disciplina DERAD008 Agricultura e Sustentabilidade, da UFRGS. Porto Alegre, 2008.

GAZOLLA, Márcio. **Agricultura familiar, segurança alimentar, políticas públicas: uma análise a partir da produção para o autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2004.

GAZOLLA, Marcio; GRISA, Catia; Schneider, Sergio. A "produção invisível" na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. *AGROALIMENTARIA*. Vol. 16, Nº. 31; julio-diciembre 2010 (65-79)

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Material didático do curso de graduação tecnológica a distancia Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2008.

GRISA, Cátia. **A produção “pro gasto” um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2007.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sérgio. **“Plantar pro gasto”: A importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul**. Publicado pela Revista de Economia e Sociologia. Rio de Janeiro, SOBER, Vol. 46, nº., Abril/junho 2008, pp. 481-516.

KRONE, Evander Elói. **Identidade e cultura nos Campos de Cima da Serra (RS): Práticas, saberes e modos de vida de pecuaristas familiares produtores do Queijo Serrano**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

KURY, Affonso Penna. **SANTO ANTONIO DA PATRULHA: uma visão apresada**. Santo Antônio da Patrulha, 1982.

LUTZENBERGER, José A. **O absurdo da agricultura**. ESTUDOS AVANÇADOS 15 (43), 2001. Disponível em, <https://moodleinstitucional.ufrgs.br>, acesso em 14 de abril de 2008.

MALUF, Renato; MENEZES, Francisco. **Caderno Segurança Alimentar**, Itens 1 a 8, introdução a SAN, e item 14 formulação de políticas públicas. FPH, 2000.

MARCHIORI, Carlos Augusto Mennet. **PROPOSTA DE SÍTIO GEOLÓGICO ou PALEOBIOLOGICO DO BRASIL: Coxilha das Lombas/RS**. Proposta apresentada a COMISSÃO BRASILEIRA DE SÍTIOS GEOLÓGICOS E PALEOBIOLOGICOS. Porto Alegre, 2007.

MORELLI, Miriam. **Horta Caseira: cuidados gerais**. Editora Tecnoprint S.A. Rio de Janeiro, 1978.

PACIFÍCO, Daniela A. **História da modernização da agricultura: um conto de muitas facetas**. Texto escrito para a disciplina DERAD008 Agricultura e Sustentabilidade, da UFRGS. Porto Alegre, 2008.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, estado e questão agrária. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em, <https://moodleinstitucional.ufrgs.br>, acesso em 14 de abril de 2008.

VIEIRA, Geraldo Velloso Nunes. **AGROPECUÁRIA: verdades que resistem ao tempo**. Editora AGE. Porto Alegre, 1995.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 17. PROCESSOS SOCIAIS AGRÁRIOS. CAXAMBU. Minas Gerais, Outubro, 1996.

WEID, Jean Marc von der. **Um novo lugar para a agricultura**. A agricultura familiar camponesa na produção do futuro. AGRICULTURAS. Rio de Janeiro, 2009.

WEDIG, Josiane Carine. **Diversidade cultural, gênero, juventude rural e direitos humanos: reflexões sócio-culturais acerca do mundo rural**. Texto escrito para a Disciplina DERAD008 Agricultura e Sustentabilidade, oferecida em 2008/2. Disponível em <https://moodleinstitucional.ufrgs.br>.

WEDIG, Josiane Carine. **Agricultoras e Agricultores à mesa: um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

_____. **Índices Municipais de Santo Antônio da Patrulha**. Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha; Secretária de Planejamento. Santo Antônio da Patrulha, 2000.

APÊNDICE

Roteiro de Entrevistas

As famílias entrevistadas**Família 1:**

Homem de 61 anos;

Esposa de 56 anos;

Propriedade de 25 hectares.

Família 2:

Senhora de 73 anos;

Filho de 42 anos;

Propriedade de 32 hectares.

Família 3:

Homem de 65 anos;

Esposa de 53 anos;

Propriedade de 38 hectares.

Família 4:

Homem de 48 anos;

Esposa de 45 anos;

Filhas entre 10 e 15 anos.

Propriedade de 27,8 hectares.

Família 5:

Homem de 45 anos;

Esposa de 38 anos;

Filhos de 13 anos e filha de 9 anos.

Propriedade de 35 hectares.

Questionamentos referentes à produção agrícola

- a) Quais as principais espécies de plantas você cultiva para o autoconsumo?
- b) Toda produção é consumida unicamente pela família ou a comercialização ou trocas com vizinhos?
- c) Qual a origem das mudas ou sementes das plantas utilizadas na propriedade na agricultura familiar de autoconsumo?
- d) É utilizada alguma forma de aplicação química nas plantas, seja ela adubação ou agrotóxicos, Por quê?
- e) A produção final desta propriedade é suficiente para garantir o abastecimento da família?

- f) Qual a origem dos alimentos consumidos pela família? É produção própria ou é comprado?
- g) Se comprado, de onde? De que forma é escolhido o alimento comprado?
- h) Quais alimentos eram consumidos e plantados no passado que não se plantam mais atualmente?
- i) Qual a origem das sementes ou mudas dos alimentos plantados na propriedade?
- j) Mudou-se de alguma forma o plantio, a colheita ou trato dos cultivos com o passar dos anos?
- k) No beneficiamento dos alimentos tais como queijos, ou lingüiças, mudou algum passo do preparo?
- l) No armazenamento dos alimentos houve mudanças?
- m) Como é a divisão do trabalho entre mulheres, homens e crianças?
- n) Quais os tipos de plantações têm na propriedade, existem criações, quais?
- o) Como é utilizada a produção da propriedade? Existe excedente? É comercializado?
- p) Quais as fontes de renda da família?